EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

127 ANOS - PATRIMÔNIO DA PARAÍBA

Fundado em 2 de fevereiro de 1893
no governo de Álvaro Machado

Ano CXXVII Número 091 | R$ 2,00 | João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 17 de maio de 2020 | auniao.pb.gov.br | @uniaogovpb

Nordeste lidera ranking de mortes violentas de LGBTs

No Dia Internacional contra a Homofobia, ainda há pouco a comemorar no país que registra uma morte a cada 26 horas. Páginas 5 e 6

Foto: Pixabay

Ansiedade e depressão, efeitos colaterais da covid

Especialistas dão dicas de como não "surtar" nesta época de pandemia e isolamento social, já que os transtornos mentais tendem a aumentar. Página 7

Entrevista

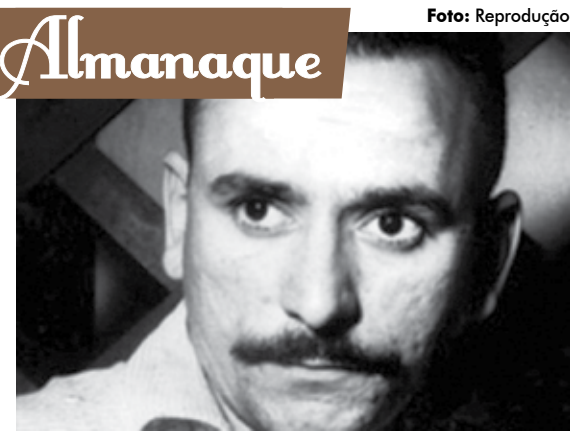
Foto: Arquivo pessoal

"A covid atinge diretamente os pulmões, inflamando-os"

Médico paraibano, Sebastião Costa fala sobre contágio, incubação, tratamento e letalidade da doença que vem assombrando o mundo. Página 4

Almanaque

Foto: Reprodução



Há 90 anos nascia um dos pioneiros da TV no Brasil

Natural de Alagoa Nova, Pericles Leal integrou a dramaturgia radiofônica antes de se mudar para o Rio, onde foi um dos primeiros redatores de TV. Página 17

Paraíba

GIRO NOS MUNICÍPIOS

Foto: Palmari Lucena

Cachaça, política e arte A cidade de Areia, no Brejo paraibano, tem clima agradável e um rico patrimônio histórico. Página 8

Geral

Pandemia trouxe novos desafios para empresas

Isolamento social e segurança dos clientes obrigaram prestadores de serviços a se adaptarem a uma nova realidade de mercado. Página 3

Diversidade

RADAR ECOLÓGICO

Foto: Fotos Públicas

Covid-19, uma tragédia anunciada? Para especialistas, as pandemias são consequências da degradação do meio ambiente. Páginas 13 e 14

Esportes

Clubes não têm jogadores para entrar em campo

Sem dinheiro em caixa para contratações, cinco clubes encontrariam dificuldade para retornar ao Campeonato Paraibano se ele fosse retomado hoje. Página 12

CONTATOS: uniaogovpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509

Editorial

Lanternas

A imprensa livre é como a lanterna da torre de Sestos, na margem europeia do estreito de Dardanelos: se lhe apagam a chama, o mar coalha-se de afogados, como aconteceu ao jovem Leandro, de Abidos, que, guiado por esse luzeiro, cruzava a nado a perigosa faixa marítima, para cair nos braços de sua amada, a bela sacerdotisa Hero, mito da inspiração do poeta Museu (século V, d.C.).

Em toda época de escuridão, os luzeiros do conhecimento são apedrejados, para que o desconhecido gere medo e ódio, húmus da ignorância, canteiro da intolerância. Sendo assim, o papel fluorescente da imprensa incomoda os interesses sombrios daqueles que se beneficiam da mentira, e esbravejam, para que o real e o fidedigno se mantenham longe dos olhos e ouvidos do povo.

O mar da história está revolto outra vez. Os ventos do fanatismo voltaram a soprar forte, agitando e elevando as ondas, tornando perigosa a travessia em busca das ilhas da liberdade e da justiça social. Faz-se necessário, portanto, neste momento, zelar pelos guardiões do grande farol que é a imprensa, para que a lanterna não seja apagada e o mundo se torne uma praia de afogados.

Há múltiplos desejos de apagá-la, do mesmo modo que são diversas as táticas utilizadas para este fim. Uma é a criação de uma indústria de boatos, para difundir a ideia de que não há mais fronteiras entre o certo e o errado; entre verdades e mentiras, para ser mais exato. Outra é lançar mão de um capital social, obtido não se sabe como, para destratar profissionais de imprensa.

Quem leu o poema de Museu, que tantos outros poetas inspirou, ao longo do tempo, sabe que esta fabulação não acaba bem. Perdido no Helesponto escurecido, Leandro sucumbe ao mar tempestuoso, e morre afogado, tendo seu corpo ido parar na praia de Sestos, onde é avistado por Hero que, desesperada, lança-se da torre alta, para enfrentar o mesmo destino de seu amado.

A vida não é mito. Nas atuais circunstâncias, porém, a democracia se faz representar pela alegoria de Hero e Leandro, e encontra-se no meio do mar, em um fim de tarde, na iminência de uma noite escura. Urge que todo cidadão e cidadã de bem façam de suas consciências fachos de luz, para que o Estado Democrático de Direito nade com todas as suas forças, e não morra na praia.

Crônica

Martinho Moreira Franco
martinhomoreirafranco46@gmail.com

O saxofonista na praça

Ravel enterrou o Bolero numa curva do rio em que navegava em Cabedelo e abriu passagem para Gounod passear com a Ave Maria por calçadas de João Pessoa. Minha primeira reação foi de susto, confesso: será que Jurandy embarcou numa canoa imaginária em Jacaré e veio desembarcar com seu saxofone defronte ao edifício onde moro? A melodia era outra, mas a sonoridade tinha o mesmo timbre de leveza, embora em tom mais grave e solene. Fui à varanda conferir: em vez da figura tão conhecida do pôr do sol na praia fluvial, lá estava um instrumentista anônimo soprando sax na noite de Manaíra. Foi assim que descobri ter o isolamento social seus momentos de magia. Aquilo era puro encantamento.

Preciso dizer que, pela TV, já vira Jurandy tocando saxofone no telhado, feito o violinista do filme de Norman Jewison. O artista se apresentava na laje do seu prédio porque perdera o palco sobre as águas depois de decreto municipal proibindo as apresentações em Jacaré. Mais uma restrição ditada pela pandemia do coronavírus. Devido ao impedimento, frequentadores da praia deixaram de curtir a sedutora fusão das notas do Bolero de Ravel com a paisagem crepuscular na margem esquerda do Paraíba, sincronia sublinhada pelo sopro do saxofone. O ritual se transformou em uma das maiores atrações turísticas da Paraíba, fascinando visitantes de várias partes do mundo. Cabedelo não vê a hora de recuperar esse prestígio internacional, enquanto Maurice Ravel fica ali a ver navios.

> “A melodia é realmente tocante, enternecedora, com um certo tom dramático em algumas passagens”

Já a peça escolhida pelo saxofonista anônimo (há quem diga existirem vários) é a mais célebre criação de Charles Gounod, justaposta a um prelúdio de Johann Sebastian Bach. Tem inúmeras gravações sobre texto em latim da oração Ave Maria. Entre os que a gravaram, figuram celebridades como Maria Callas, Luciano Pavarotti, José Carreras e Andrea Bocelli, mas também artistas pop como Karen Carpenter e o nosso Rei – ele mesmo, Roberto Carlos. Como no Brasil tudo dá samba, existe até adaptação feita por Jorge Aragão, além de uma performance de Waldir Azevedo no cavaquinho. Tanto se popularizou que virou arroz de festa em casamentos, aniversários, batizados e funerais. Só que a melodia é realmente tocante, enternecedora, com um certo tom dramático em algumas passagens. Nestes tempos de distanciamento, nos aproxima do céu. Foi que senti ao ouvir o saxofonista na praça. Não há vírus que mate a fé em Deus.

Crônica

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

O patuá de Vampeta

Éder Jofre recuperou o título dos galos aos 38 anos. Foi o primeiro caso na história do boxe — e talvez o único — em que um lutador recuperou o título com essa idade. Não que Éder tivesse perdido anteriormente o título. Ele simplesmente tinha abandonado o boxe e um dia resolveu voltar, depois da morte do pai, Kid Jofre, seu treinador e grande incentivador. A volta e a vitória de Éder pode ser considerada um resultado do regime alimentar. Ele é um vegetariano de segunda geração, pois o velho Kid não comia proteína animal. E está provado que o regime alimentar se faz notar na herança genética.

Éder era um lutador canhoto, o que atrapalha a maioria dos adversários. Seu murro mais notável foi aquele de esquerda contra a ditadura militar, após a luta em que recuperou o título, realizada no Brasil. A luta teve uma expectativa de decisão de Copa do Mundo, e o ditador de plantão — se não me engano, Garrastazu Médici — foi assistir ao embate, para faturar politicamente o sucesso do brasileiro favorito. Depois da vitória, um assessor e xeleléu pediu a Éder que oferecesse as luvas ao general ditador. O lutador repeliu a proposta, dizendo que ia depositá-las no túmulo do pai.

Watanabe — acho que era assim que se chamava — foi campeão brasileiro e mundial de karatê durante a ditadura de 64-84. Vieram as olimpíadas e o nissei foi escalado para representar o Brasil. A ditadura negou-lhe passaporte, por causa da posição política de Watanabe, tido como esquerdista e subversivo — um mal brasileiro, como a tirania e sua mídia chamavam na época aos que não rezavam pela cartilha do golpe militar. E o Brasil deixou de ganhar uma medalha de ouro nas Olimpíadas com o karatê de Watanabe, campeão mundial.

> “Está provado que o regime alimentar se faz notar na herança genética.”

João Saldanha classificou o Brasil nas eliminatórias (de 1970? ajudem-me os leitores mais velhos) mas foi dispensado de seu lugar de técnico. Não seguiu com a Seleção para a Copa. O gaúcho João Saldanha era militante do Partido Comunista Brasileiro desde velhas datas, e a ditadura não permitiu que ele fosse dirigir a equipe brasileira na Copa do Mundo. João era comunista de alto coturno: foi ele quem hospedou Luiz Carlos Prestes no seu retorno ao Brasil, depois do exílio, na redemocratização. O auditório do PCdoB do Rio de Janeiro leva seu nome.

Durante o vintênio do golpe a ditadura escalava e desescalava atletas e dirigentes. A convocação de Dario Peito de Aço, ou Dario Maravilha, como estão chamando agora, deu-se por uma imposição do ditador de plantão, possivelmente Médici, que era fã do estilo trombador do centro-avante. E assim foi com a inclusão do capitão do Exército Cláudio Coutinho como preparador físico e representante da ditadura na Seleção.

Essas coisas vieram-me à memória no momento em que vi a Seleção Brasileira subir a rampa e cada atleta receber uma condecoração das mãos do presidente FHC. Na véspera, o pão do povo brasileiro tinha sofrido um aumento. Mas a anestesia do pentacampeonato não deixou o povo sentir o sabor mais amargo do pão de cada dia, ou de quase todo dia. O mesmo aconteceu aos combustíveis, que são o insumo principal de qualquer economia. O mesmo aconteceu às tarifas telefônicas, que são outro insumo importante.

Nenhum dos atletas teve uma atitude que lembrasse o brio de Éder Jofre, a posição de Watanabe, a convicção de João Saldanha. Todos receberam a medalha milagrosa do presidente. Ou talvez tenha tido: o patuá fez Vampeta dar uma sequência de bundas-canastras na rampa do Palácio, mostrando, não sei em que nível de consciência, que a cerimônia não passava de uma palhaçada de mau gosto diante da fome, da doença, da ignorância e da alienação do povo brasileiro que pensa que é campeão do mundo.

Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiege Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R$200,00 / Semestral ..... R$100,00 / Número Atrasado ..... R$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA: 99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direçao e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Na pandemia, empresas e profissionais se reinventam

Isolamento social e segurança dos clientes obrigaram prestadores de serviços a se adaptarem a uma nova realidade

Beatriz Alcântara
Especial para **A União**

Em tempos de pandemia, a internet tem sido uma forte aliada das pessoas, seja no sentido de encurtar as distâncias e matar as saudades, seja no âmbito profissional, possibilitando que muitos trabalhadores e empresas se mantenham ativos nesse período. Desde o surgimento do coronavírus e da necessidade de isolamento social, muitos profissionais precisaram se reinventar e adaptar seus modelos convencionais de trabalho ao novo cenário. Delivery, chamadas de vídeo, mentorias e vídeoaulas são algumas das saídas mais utilizadas.

Dentre os setores afetados, o comércio foi um dos primeiros a sentirem o impacto da pandemia e a necessidade de se moldar ao novo mercado. "De um dia para o outro, tudo mudou. Num dia, estávamos com 0% de delivery e no outro com 100% de delivery por conta de todos os decretos fechando os comércios", contou Marcela Fujiy, franqueada da Kopenhagen na Paraíba.

Quanto a aderir às mudanças, não restou dúvida, pois a segurança de suas colaboradoras e clientes precisava estar em primeiro lugar. "A gente decidiu não trabalhar com drive-thru para garantir essa segurança e ter certeza que os clientes não saíssem de casa porque não haveria necesidade", afirmou a empresária.

Foto: Open-Cage

Marcela, Maria Clara e Christian da Be.Labs, empresa aceleradora de startups para mulheres que se ajustou à crise

Adaptando-se

Ainda com relação à adaptação, Marcela comenta que o segundo passo, depois de entender quais as medidas seriam ou não tomadas pela empresa, foi se filiar às plataformas que apresentam serviços de delivery – como iFood, Rappi e Uber Eats.

"Também criamos com parcerias locais o nosso e-commerce, e para uma marca que não tem essa cultura – e justamente na Páscoa, que é algo muito importante no nosso mercado, representando 30% do nosso faturamento anual em basicamente dez dias – foi algo muito desafiador, porque nossos clientes não estavam prontos para isso", ressaltou.

Para que não houvesse demissões, a empresária destaca que precisou suspender alguns funcionários e que agora é continuar trabalhando, fazendo sua parte e aguardando. "Estamos esperando a reabertura do comércio, mas não fechamos e não vamos fechar. Acreditamos que precisamos entender essa nova demanda, como é que o cliente se comporta e como a gente consegue se adaptar a esse novo normal", disse.

Suporte

Marcela Fujiy também é sócia da aceleradora de startups para mulheres, Be.Labs. A atuação com essa outra empresa foi fundamental para ajudar empreendedoras a entenderem como poderiam moldar os seus negócios durante a pandemia. A Be.Labs também buscou ferramentas que pudessem contribuir de maneira ativa para a diminuição da crise que se instalou devido ao novo coronavírus.

"O que a gente fez nesse primeiro momento foi criar um aplicativo, que se chama Logon, para que se pudesse contribuir em incentivar o compartilhamento. Por exemplo, em um momento desses, de crise, você comprou muito álcool em gel e viu que não iria usar. A partir do aplicativo, você anuncia esse produto como um OLX, mas para doar, e não para vender", explicou Fujiy.

O segundo passo com a aceleradora foi prestar suporte às empreendedoras. "No momento de mais urgência, lançamos uma vídeoaula ensinando às empreendedoras quais as medidas que deveriam ser tomadas de emergência. E também criamos um programa de mentoria exclusivo para a mulher para que a gente conseguisse reestruturar os seus negócios", destacou Marcela.

+ Processo de adaptação

Além do comércio, escolas, academias e ginásios esportivos também foram fechados e suas atividades suspensas. No meio disso, o professor de Educação Física, Hyan Lima, percebeu que precisava se adaptar às novas circunstâncias para manter os alunos ativos, tanto com relação ao físico, quanto com relação ao profissional.

Hyan Lima, de 22 anos, é recém-formado e trabalha com treinos funcionais e com atletas de pentatlo. Quando se deparou com as transformações causadas pela pandemia, o professor sentiu o impacto. "Mudou praticamente tudo, principalmente, a aproximação com o aluno, e isso faz bastante diferença", disse ele.

O processo de adaptação já tem pouco mais de um mês e com o passar do tempo vai ficando mais fácil. "Está sendo uma experiência diferente, porque não é fácil você ter aquele hábito de estar sempre perto e ter que agora estar dando aula virtualmente. Está sendo um processo que, agora, já está legal, porque os alunos já se adaptaram", afirmou. Mas, é necessário ter criatividade para fugir da monotonia. "Tem que sempre pensar em algo a mais, porque, por mais que você esteja limitado, precisa pensar no que vai chamar atenção e fidelizar o aluno, de certa forma", finalizou.

O profissional tem trabalhado a partir de aulas online, com chamadas de vídeos diretamente com os alunos e também com a publicação de vídeos em suas redes sociais.

Consultorias

O Sebrae se mostrou, desde o início da pandemia, como um parceiro dos empreendedores para auxiliar com consultorias para os mais diversos nichos de negócios. Inicialmente, com transmissões ao vivo com especialistas e agora também com atendimento remoto. O atendimento pode ser através do Whatsapp (83) 99193-3372, ou pela Central de Relacionamento (0800 570 0800).

"Dispomos de orientações para que eles [os empreendedores] possam se superar e despertar para um novo modelo de negócio", destacou Jacy Viana, gerente regional do Sebrae em Guarabira, no Brejo paraibano.

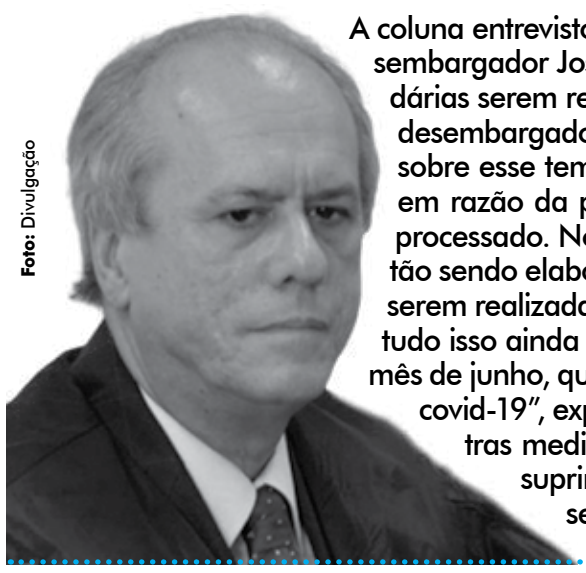
A gestora pontua a importância e o crescimento do uso de serviços a partir das redes sociais e a entrega em domicílio. "O delivery já estava sendo usado pelos donos de pequenos negócios aqui na região desde antes da pandemia, mas com ela, seu uso se intensificou. Empresas que estão sofrendo mais impactos neste momento, como o segmento de moda, confecções e acessórios, é importante como forma de alavancar as vendas e se reinventar", concluiu Jacy Viana.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

PRESIDENTE DO TRE REVELA QUE HÁ ESTUDOS PARA A REALIZAÇÃO DE CONVENÇÕES REMOTAS

Foto: Divulgação



A coluna entrevistou o presidente do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), desembargador José Ricardo Porto (foto), quanto à possibilidade de as convenções partidárias serem realizadas de modo remoto, por causa da pandemia do coronavírus. O desembargador revelou que existe, sim, estudos no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) sobre esse tema em particular. "As eleições de 2020 serão absolutamente atípicas, em razão da pandemia. No TSE já existe vários estudos como o ano eleitoral será processado. No tocante à realização das convenções partidárias, também planos estão sendo elaborados e planejamentos para verificar a viabilidade dessas convenções serem realizadas de modo remoto, possivelmente por meio de videoconferência. Mas tudo isso ainda são estudos. Só poderemos ter uma previsão mais realista no final do mês de junho, quando saberemos se haverá uma curva ascendente ou descendente do covid-19", explicou. De acordo com o presidente do TRE, poderão ser adotadas outras medidas para evitar a aglomeração de pessoas nas eleições. "Poderemos suprimir carreatas, passeatas e comícios, porque esses eventos, certamente, se transformarão em focos da propagação da doença".

ADIAMENTO DO ENEM (1)

Daniella Ribeiro (PP), engrossa a fileira dos senadores que defendem o adiamento do Enem, marcado para novembro. Motivo? Parte dos jovens não tem acesso ao ensino a distância, implantado em alguns estados nesse período de pandemia: "40 dos jovens não tem internet e 30% são da zona rural", argumenta.

ADIAMENTO DO ENEM (2)

No twitter, Daniela Ribeiro ampliou o debate sobre o adiamento: "É inadmissível a manutenção das datas, quando muitos estudantes não têm acesso à internet para assistirem aula. Isso aprofunda a desigualdade". Ela apresentou projeto que estabelece que exames de acesso ao ensino superior sejam prorrogados quando houver estado de calamidade no país.

COMO SE FOSSE MARIONETE

Bem ao seu estilo, curto e grosso, o deputado Julian Lemos (PSL), disse que a saída de Nelson Teich da Saúde não lhe causou surpresa: "Não me surpreendeu. Para ficar, ele tinha de se anular como pessoa, rasgar seu diploma de médico e não poderia opinar. Teria de concordar ipsis verbis com o presidente". Ou seja, só fica na pasta se entrar calado e assim permanecer.

"NENHUM REFERENCIAL"

Correligionário de Mandetta, demitido da Saúde por Bolsonaro, Efraim Filho (DEM), disse que o substituto, Teich, também apeado da pasta, "partiu sem deixar saudades, parece que sequer assumiu", em referência à tímida atuação em 30 dias de trabalho. "Um mês perdido no ponto mais crítico. Com a saída de Mandetta, a pasta ficou sem nenhum referencial".

PROCESSOS JUDICIAIS

Em um ano e três meses de gestão, o gabinete do presidente do TJPB, desembargador Márcio Murilo da Cunha Ramos, produziu 12.337 atos judicias. De acordo com a Diretoria de Tecnologia, de fevereiro de 2019 até 13 deste mês, foram proferidos 6.784 atos judiciais. Em relação ao Processo Judicial Eletrônico (PJe), foram produzidos 5.553 atos judiciais.

NÃO ENCONTROU LASTRO NO GOVERNO, DIZ VENEZIANO SOBRE DEMISSÃO DE TEICH

Para o senador Veneziano Vital do Rêgo (PSB), a saída de Nelson Teich da Saúde agravou a crise política: "Não encontrou níveis de responsabilidade no presidente. Ele [Bolsonaro] imaginava que Teich defenderia o afrouxamento das medidas de combate à pandemia. E faça-se justiça: o comportamento de Teich foi de quem respeita os protocolos científicos".

Foto: Pixabay

Sebastião Costa
Pneumologista e sanitarista

O que você precisa saber sobre o novo coronavírus

Médico paraibano fala sobre contágio, incubação, tratamento e letalidade do vírus que vem assombrando o mundo

Nara Valusca Alverga
naravalusca@gmail.com

Três meses após surgirem os primeiros casos de covid-19 no Brasil, ainda são numerosas as dúvidas sobre a doença, sobre os meios de contágio, a letalidade e o tratamento. Dúvidas que se avolumam à medida que até mesmo a ciência tem se percebido diante do desconhecido.

Com números de casos crescendo a cada dia e o registro de mortes em curva ascendente, o paraibano tenta compreender, como no resto do mundo, o que, afinal, é esse vírus. De que forma ele surgiu e, principalmente, de que forma poderá ser vencido.

A União conversou sobre o assunto com o pneumologista e sanistarista paraibano Sebastião Costa. Confira:

Foto: Arquivo pessoal

Sebastião Costa alerta para o perigo do contágio em pessoas com idade acima de 60 anos e aquelas que têm cardiopatias e doenças pulmonares

A entrevista

O que é um vírus?

■ A microscópica estrutura de um vírus se resume ao genoma, envolvido pelo capsídeo, que é constituído por proteínas. Alguns, como o influenza e a família coronavírus possuem também um envelope composto por lipídios da célula hospedeira, mas com participação de proteínas do próprio vírus.

Alguns possuem no núcleo o RNA - influenza, os coronavírus, outros o DNA - dengue, varicela, e alguns como o Citamegalovírus possuem RNA e DNA.

A sua forma rudimentar estimulou uma intensa discussão no mundo científico, sobre se o vírus reunia condições de ser considerado um ser vivo

Sem possuir ribossomo e hialoplasma, não tem como produzir seu próprio metabolismo, portanto não estaria inserido no contexto de ser vivo, argumentam alguns cientistas

Do outro lado, há os que enxergam nesse microorganismo, várias vezes menor do que uma bactéria, uma capacidade de invadir o hospedeiro e se reproduzir utilizando a estrutura metabólica da própria célula, o que caracteriza um ser vivo.

> "O coronavírus vem a ser uma família, cujos representantes de maior notoriedade são o Sars-cov 1 (de 2002) e o MERS (de 2012)"

Por que o coronavírus é tão contagioso?

■ Na verdade, coronavírus vem a ser uma família, cujos representantes de mais notoriedade são o Sars-cov 1, que surgiu em 2002, provocando a Síndrome Respiratória Aguda Grave. Seu baixo poder de transmissibilidade promoveu uma epidemia restrita a algumas regiões da China; e o outro é o MERS, produtor da Síndrome Respiratória do Oriente Médio, que apareceu em 2012 e também sem grandes potencialidades para transmissão, não ultrapassou a península arábica.

Já o Sars-cov 2, que anda assombrando o mundo, de acordo com Luciano Goldani da Universidade do Rio Grande do Sul, "ele é mais infeccioso, porque se introduz de maneira mais fácil do que o influenza. Talvez, em razão de alguma mutação, tenha se adaptado melhor ao ser humano".

Quando comparado com seu principal concorrente, o H1N1, variedade do vírus influenza (que provoca a gripe), existem divergências mas, a princípio, pode-se afirmar que o H1N1 que produziu a pandemia de 2009 tinha o Número Básico de Reprodução de 1,5, enquanto o Sars-cov-2 apresenta essa taxa em torno de 2,5, ou seja, cada infectado detém a capacidade de transmitir o vírus para 2,5 pessoas.

Mesmo assim, cabe informar, que as projeções disponíveis falam de apenas 10 por cento da população sendo infectada pelo Sars-cov-2.

Desse total, 80% vão apresentar a forma mais leve da covid-19, enquanto 20% vão desenvolver as formas mais graves, com indicação de hospitalização e/ou atendimento em UTIs.

> "Do total de infectados, 80% devem apresentar a forma mais leve da covid-19 e 20% terão indicação de hospitalização"

Quais seriam as principais diferenças entre o coronavírus e outros vírus já conhecidos?

■ A diferença está no seu poder de transmissibilidade, bem mais elevado do que a maioria dos vírus mas, informando também, que seu poder de letalidade (produzir mortes) está bem abaixo do influenza H1N1 de 1918/1919, que produziu a mais grave de todas pandemias, deixando um rastro de 50 milhões de cadáveres ao redor do mundo

Qual é o tempo de incubação do coronavírus?

■ São 14 dias. Acrescentando no entanto, que os primeiros sintomas após o contágio, ocorrem com mais frequência em torno do sétimo dia.

> "Não existe nenhum estudo referindo contágios do coronavírus através da relação sexual ou pelo sangue"

Já se sabe, por exemplo, se há contágio através do beijo, da relação sexual, do sangue?

■ Não existe nenhum estudo referindo contágios na relação sexual ou sangue. O que se sabe é que o Sars-cov-2 já foi isolado em esperma e também nas fezes.

O beijo corresponde ao contágio pessoa a pessoa através de gotículas de saliva.

Mães transmitem o vírus ao bebê no ventre?

■ Não existe referência na literatura sobre essa forma de contágio.

De que forma ele ataca o nosso organismo?

■ Ele atinge diretamente os pulmões produzindo inflamação, mas existem vários estudos falando da produção de microcoagulações intravascular a nível de pulmão, complicando de maneira mais agressiva a capacidade respiratória do paciente, com riscos maiores de atendimento em UTI e logicamente de mortalidade.

Quais são os principais sintomas de uma pessoa com covid-19?

■ A tríade que caracteriza a covid-19: Tosse seca, febre, desconforto respiratório. Ficar de olho também na fadiga, tosse com secreção, dor no corpo, perda ou alteração do paladar, diarreia.

O que tem sido usado, na Paraíba, no tratamento de pessoas infectadas?

■ Na rotina de consultórios e hospitais tem se usado a hidroxicloroquina, o antibiótico azitromicina, e em alguns casos, corticoides e anticoagulantes. Vale informar no entanto, que existe no momento carência de estudos consistentes em relação a eficácia dessas drogas, até por que, a covid-19 por ser uma novidade no mundo científico, ainda não se consensualizou um tratamento definitivo para essa patologia. Acrescentando, que essas medicações só devem ser utilizadas diante de prescrição estrita do médico.

> "No fumante, a covid-19 vai complicar a respiração com muito mais intensidade do que numa pessoa que não fuma"

Quais as doenças crônicas que mais agravam a situação do infectado pelo coronavírus?

■ Antes de qualquer comentário, é importante referir dentro do contexto do grupo de risco, os cidadãos acima dos 60 anos. Mas, os cardiopatias e aqueles com enfisema pulmonar, independente da idade, certamente vão desenvolver as formas bem mais grave da doença. Mas, cuidados redobrados em paciente com hipertensão arterial, Insuficiência renal crônica, diabetes, asmáticos.

Por que fumantes são mais vulneráveis?

■ Toda pessoa que respira ar puro, naturalmente apresenta em seus pulmões 100% de oxigênio. Já o fumante, está sempre inalando o monóxido de carbono da fumaça do cigarro, que vai, claro, competir com o oxigênio que chega durante a inspiração. Resultado: Todo fumante, sem exceção, mantém nos seus pulmões monóxido de carbono ocupando espaço que era pra ser do oxigênio. Significa que sua capacidade respiratória vai estar sempre abaixo da normalidade. E aí chega a covid-19 e logicamente vai complicar sua respiração com muito mais intensidade do que uma pessoa normal. Se já existir enfisema (depende do tempo de tabagismo), aí a situação se torna de elevada gravidade.

Pode-se comparar a covid-19 a uma pneumonia?

■ A maioria das pneumonias são provocadas por bactérias, mas vírus também podem desenvolver processo inflamatórios nos pulmões, entre eles o Sars-cov-2, que é, dentro do contexto da covid-19 a alteração mais frequente e que na maioria dos casos , vai se desenvolver o desconforto respiratório progressivo, com a necessidade imediata de se procurar um serviço hospitalar.

Um giro por Areia

Entre serras, alambiques e culturas, situado na região do Brejo paraibano, o município de Areia se revela como uma paisagem rica e aconchegante. Página 8

Foto: Palmari Lucena

Foto: Christian Sterk

Causa da morte: homofobia

A orientação sexual fora da heteronormatividade custa a vida de centenas de brasileiros e Nordeste lidera o ranking

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

A cada 26 horas um LGBT+ é assassinado ou se suicida vítima da LGBTfobia no Brasil, o que confirma o país como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. A projeção consta no relatório 'Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil – 2019', lançado este ano pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais.

O Nordeste aparece na primeira posição no ranking das regiões, com 35,56% dessas mortes, o que representa 117 vidas perdidas, oito delas na Paraíba. São números que, embora subnotificados, apontam para uma realidade desanimadora e mostram que há pouco para comemorar hoje, Dia Internacional contra a Homofobia, e um longo caminho ainda a ser percorrido.

O presidente da Comissão da Diversidade Sexual e de Gênero da Ordem dos Advogados do Brasil na Paraíba (OAB-PB), José Baptista de Mello Neto, destacou que a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) registrou, de janeiro a abril de 2020, mais de 45 mortes por homofobia no Brasil.

"O isolamento social também tem aumentado a violência por orientação sexual. Isso continua acontecendo porque as pessoas ainda não conseguiram respeitar as diferenças. O ódio e o temor ao diferente provocam o desejo de eliminação física. É por isso que temos tantos assassinatos", constatou.

A cultura machista, do macho alfa, o pegador, segundo ele, também contribui com a intolerância. "A construção histórica é marcada pela prevalência do homem. As mulheres retiravam o sobrenome da família materna. Continuou prevalecendo o sobrenome da família paterna agregado ao sobrenome da família do marido. A cultura do patriarcado no Brasil, da dominação do macho prevalece, sobretudo no Nordeste, região do cabra macho, sim senhor", analisou.

Ele acredita que a educação é o caminho para reduzir a violência. "Educação para o respeito. No Nordeste como um todo e na Paraíba em particular temos vários municípios onde foram aprovados projeto de lei de escola sem partido ou sem ideologia de gênero. Nós temos uma ideologia de gênero, o machismo", lamentou.

"Por enquanto, a nossa salvaguarda tem sido o Supremo Tribunal Federal (STF), que tem decidido ações de estado em favor da população e da cidadania LGBT. Na Paraíba, temos políticas de estado e alguns municípios que afirmam a cidadania igualitária, mas no âmbito federal só o STF. Semana passada, por exemplo, o STF disse que proibir doação de sangue por homossexuais é inconstitucional.

Foto: Arquivo Pessoal

José Baptista, da Comissão de Diversidade Sexual e Gênero da OAB: cultura machista incentiva a intolerância

Foto: Arquivo Pessoal

Para o procurador Eduardo Varandas, pessoas preconceituosas estão empoderadas no discurso de ódio

Retrocessos no Governo Federal

Enquanto ativistas e grupos de apoio e proteção aos LGBTs buscam a garantia dos direitos do segmento, o cenário atual do país conspira contra essa luta. "Penso que tivemos um grande retrocesso com as políticas públicas de combate a LGBTfobia em nível federal. As pessoas preconceituosas sentem-se empoderadas com o discurso de ódio que parte do próprio presidente da República. O grande problema que se enfrenta é a perigosa mistura de 'religião' com 'política'", declarou o procurador do Trabalho, Eduardo Varandas.

O Estado laico, segundo ele, deve preservar a dignidade de todos, sem discriminação de sexualidade e gênero.

Para ele, a intolerância em razão da orientação sexual se deve a dois fatores: a moral e a religião, que estão intrinsecamente associadas. "A sociedade entende que o macho varão é o ser superior e, nessa condição, deve procriar, sendo o chefe da sua família. Quando um homem convive com outro homem, quebra essa base dogmática de uma sociedade arcaica, fragilizando o sistema patriarcal e primados morais superados", explicou.

Da mesma forma, segundo o procurador, quando duas mulheres dispensam a figura do homem passando a morar juntas e procriando fora do padrão heteronormativo, o ciclo de subserviência da mulher ao marido é rompido e mesmo o patriarcado é atingido. "As formações familiares homoafetivas são revolucionárias e isso gera um abalo na estrutura. O Brasil é um país predominantemente cristão, e o Antigo Testamento e as cartas do Apóstolo Paulo têm a homossexualidade como abominação aos olhos de Deus. Este é o perfil da intolerância social", afirmou.

Respeito precisa começar em casa

"Tudo surge dentro da nossa casa e pode ser melhorado diante daquilo que a gente representa para os nossos filhos enquanto referência paternal e maternal. A referência familiar sempre vai ser base para tudo. Então, se você consegue estruturar isso bem dentro do seu lar, naturalmente a orientação sexual vai ser beneficiada, benquista e vai ser olhada com outros olhos, coisa que não acontece". É o que constata a psicóloga Danielle Diniz diante do quadro de homofobia que se apresenta no país.

Quando se entra no contexto de política, religião, de tabus relacionados à sexualidade, sempre haverá conflito porque as pessoas não conseguem ter um pensamento unânime. "As pessoas pensam de forma diferente, sentem de forma diferente porque foram instruídas pelos parentes, por seus pais de formas diferentes. Então, é algo com que vamos lidar sempre. Não é de agora, não é apenas hoje, vai ser por um determinado tempo e, talvez, só venha acontecer de uma maneira diferente quando ocorrer com uma pessoa próxima".

A psicóloga afirmou que é muito fácil apontar e julgar quando acontece na casa do vizinho. "Mas, e se for meu filho, minha filha? É algo que realmente muitas pessoas não pararam ainda para entender e refletir acerca", frisou.

Por conta desse cenário, pessoas podem adoecer emocionalmente, desenvolver um transtorno de ansiedade em decorrência disso, reações psicossomáticas, traumáticas por conta de acontecimentos bárbaros que envolvem crimes, inclusive, homofóbicos. "Imagine ser castrado diante de uma sociedade pelo medo. Quantas pessoas devem estar doentes por conta disso? Acho que é algo que a gente realmente precisa levantar a bandeira e defender, porque não tem coisa mais bonita do que amar ao próximo. Essa é uma condição direta relacionada ao amor por si mesmo. Então, se eu respeito o outro é porque eu me respeito acima de tudo", falou.

Foto: Arquivo Pessoal

Danielle Diniz afirma que referência familiar é a base

> "Imagine ser castrado diante de uma sociedade pelo medo. Quantas pessoas devem estar doentes por conta disso? É algo que a gente precisa levantar a bandeira"

Luta e resistência em defesa de todas as formas de amor

Paraíba foi um dos primeiros estados brasileiros a ter delegacia especializada em atender crimes homofóbicos

Lucinele Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

No Dia Internacional contra a Homofobia, a população LGBT é chamada para dar ênfase na luta pela visibilidade. "A gente sabe que o Brasil é um dos países mais violentos na questão da lgbtfobia, principalmente da transfobia, que é mais recorrente, e também da homofobia. Para nós, do governo da Paraíba, apesar de todas as políticas públicas, é preciso tocar na educação. A população precisa se reeducar com relação ao respeito, à tolerância", disse Fernando Luiz Araújo, gerente executivo de Direitos Sexuais e LGBT, da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (SEMDH).

Ele enfatizou que essa herança vem do patriarcado, do machismo, de toda problemática histórica que tem pelo menos 500 anos. Com isso, toda a população, seja indígena, negra, foi invisibilizada.

"A Paraíba foi um dos primeiros estados a ter delegacia de crimes homofóbicos, antes mesmo da criminalização da lgbtfobia via Supremo Tribunal Federal (STF), porque até agora não houve legislação no Congresso. A Paraíba tem um olhar para a população trans no tocante à saúde, um olhar diferenciado em relação à população LGBT de rua, que vai ganhar um plano integrado", acrescentou.

Ele lembrou ainda que o Estado foi um dos primeiros a se tornar referência no Brasil para a construção de centros de referência específicos para a população LGBT, como são os espaços LGBT de João Pessoa e de Campina Grande.

Educação é o foco

A educação precisa ser um foco em todas as estruturas das secretarias do estado, principalmente na Educação, na Saúde, conforme Fernando Luiz. Ele enfatizou que um dos pontos é o respeito à população trans e ao uso do nome social. "Se a gente consegue chamar Maria da Graça Meneghel de Xuxa, por que não podemos chamar uma mulher ou um homem trans pelo nome social? É um exemplo trivial, mas é importante que a população se eduque a respeitar a cor, a identidade de gênero, a orientação sexual, como a pessoa quer ser chamada", enfatizou.

Para o gerente, esse processo é lento. "Mas, a gente um dia chega lá", acredita. Por isso, existem datas como o 29 de janeiro para a população trans, a visibilidade trans, o 17 de maio, o 28 de junho e todas as outras datas que contemplam o que nós chamamos sopa de letrinhas para a população LGBT, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queers, os intersexos e os assexuados.

"É um dia de muita luta, de resistência e nós contamos com o apoio da imprensa. Estamos atentos, abertos, dialogando com a sociedade civil organizada, com grupos, entidades, pessoas que procuram o Espaço LGBT, não só pesquisadores, mas usuários, tentando dirrimir as demandas da população LGBT. Para nós, é um dia de alegria, luta, resistência. Esse é um dia de dizer: Nós temos direito, nós queremos visibilidade, respeito. Somos seres humanos e não estamos doentes", completou.

Foto: Arquivo Pessoal

Engajados numa luta diária: Anyely Myrthes, Michel Batista, Patrícia Oliveira e Fernando Luiz formam a equipe de Direitos Sexuais e LGBT da SEMDH

Levantamento do Grupo Gay da Bahia aponta 329 assassinatos em 2019

Com base em informações de agências internacionais, o relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB) mostra que, no Brasil, são mortos mais homossexuais e transexuais do que nos 13 países do Oriente e África, onde há pena de morte prevista para este segmento. O país concentra mais de metade dos LGBTs assassinados no mundo.

Entre 2000 e 2019, o aumento no número de homicídios homofóbicos foi de 153%, saltando de 130 para 329 mortes. No ano passado, foram 297 homicídios (90,3%) e 32 suicídios (9,8%). "Enquanto nos Estados Unidos, com 330 milhões de habitantes, mataram-se no ano passado 28 transexuais, no Brasil, com 208 milhões, foram assassinados 118 trans", diz o relatório.

O número de mortes por homofobia no Brasil teve uma redução de 21,6% entre 2018, quando foram registradas 420 perdas, e 2019, com 329. A redução é considerada um dado animador, mas de acordo com o relatório ainda se sabe pouco sobre o que causou a queda.

Alento

Um dos motivos de alento citado no documento vem do Supremo Tribunal Federal que julgou, em 2019, a Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO 26), ao reconhecer o crime de homofobia como prática de racismo e passível de ser aplicada a Lei nº 7.716/89.

"É inegável o rastro de sangue LGBT+ derramado em território nacional, a ponto de o país aparecer na liderança de tais crimes no Mundo, sem que haja por parte do Estado brasileiro uma sinalização quanto as medidas mais urgentes para evitar essa tragédia neste grupo específico, apesar de existirem ações voltadas à população em geral", sublinha o texto.

Foto: Agência Brasil

No Brasil, são mortos mais homossexuais e transexuais do que nos 13 países do Oriente e África, onde existe pena de morte

AÇÕES ESPERADAS PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA LGBT+

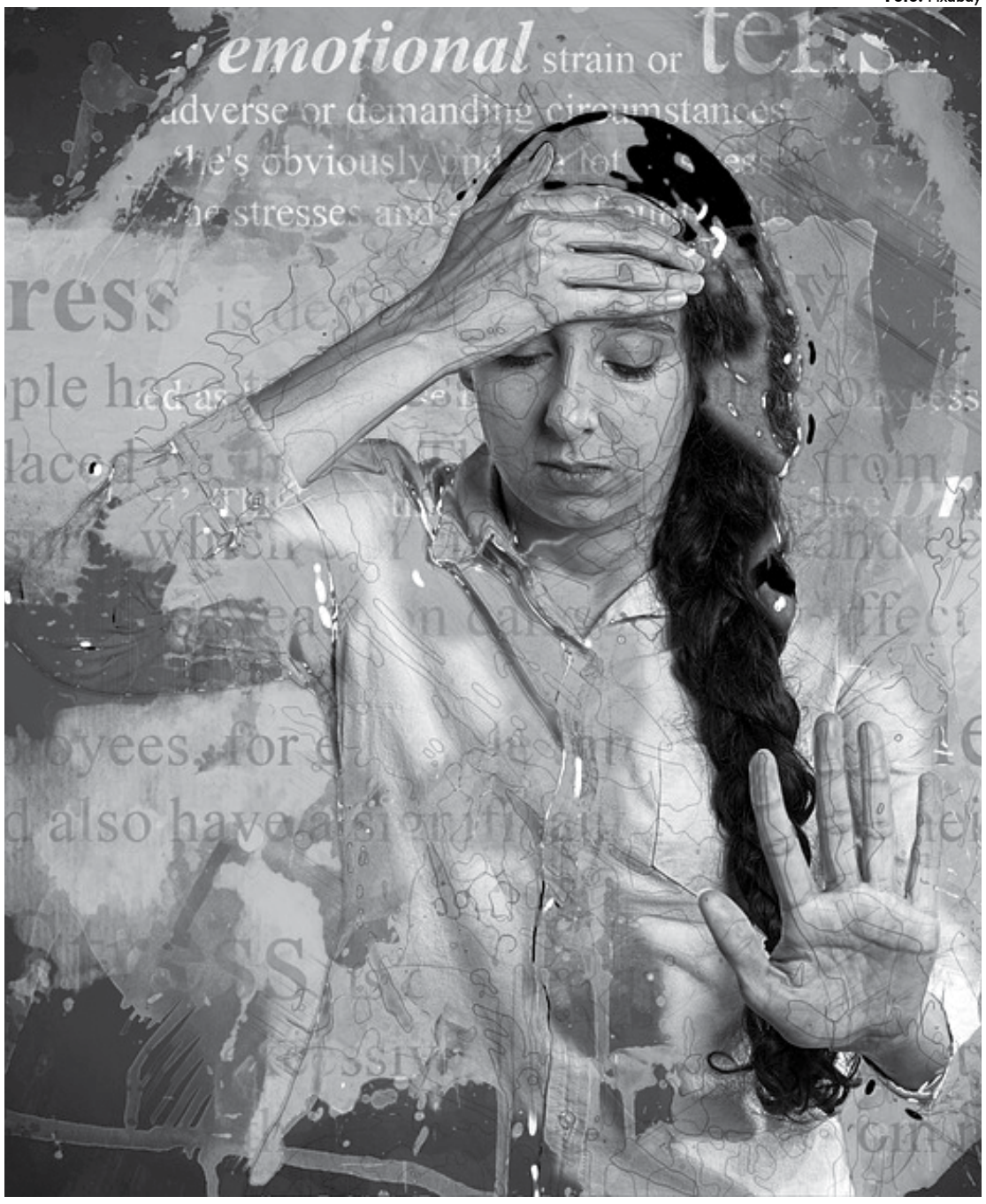
- Educação sexual e de gênero em todos os níveis escolares para ensinar jovens e população em geral o respeito aos direitos humanos e cidadania da população LGBT;
- Cumprimento rigoroso das leis aprovadas garantindo a cidadania plena da população LGBT, sobretudo no reconhecimento do casamento homoafetivo e a equiparação da homofobia e transfobia ao crime de racismo;
- Políticas públicas na área da saúde, direitos humanos, educação, que contribuam para erradicar as mortes violentas e proporcionem igualdade cidadã à comunidade LGBT;
- Exigir que a Polícia e Justiça investiguem diligentemente e punam com toda severidade os crimes homotransfóbicos.
- E um apelo aos LGBT+ para que evitem situações de risco de sua própria segurança vital e quando vítimas de qualquer ameaça ou violência, reajam e denunciem.

Transtornos mentais podem crescer durante a pandemia

No contexto do isolamento social, medo e insegurança abrem caminho para processos de ansiedade e depressão

Juliana Cavalcanti
Especial para **A União**

Foto: Pixabay



Especialistas orientam que é necessário que as pessoas fiquem atentas aos sinais que o corpo e a mente dão

O isolamento social é um dos principais métodos de prevenção contra a covid-19. No entanto, ele tem provocado alguns efeitos colaterais. Entre eles, estão os problemas de saúde mental como a ansiedade e a depressão, doenças que podem ser agravadas por fatores de risco como o trabalho feito em casa, a alimentação desregrada, doenças preexistentes e a necessidade de sair para trabalhar. De acordo com a especialista em Psicologia Clínica Humanista, Carla Suânne, os profissionais da área temem um aumento significativo de transtornos emocionais, como a depressão; ansiedade; Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC); e até de comportamentos suicidas.

"A pandemia nos proporcionou um jeito de ser e estar no mundo diferente do que estávamos acostumados. Chegou inesperadamente e restringiu a nossa rotina, acesso ao lazer e mudou nossos planos, requerendo de nós habilidades novas, resiliência e adaptação. Tudo isso pressionado pela incerteza do tempo e do que ainda vamos viver durante os próximos dias de quarentena e até mesmo o que virá depois", analisa.

O professor de yoga, Ravi Miranda, fala também do sentimento de impotência diante de algo sobre o qual não se tem controle ou de algo que ainda não se tem conhecimento, como é o caso da doença causada pela coronavírus. "É natural que num tempo de incertezas e risco de colapso da saúde pública nós tenhamos um maior quadro de estresse e ansiedade. Esse aumento pode ser atribuído ao medo e a sensação de impotência diante de uma situação desafiadora que é esse momento atual de uma pandemia", disse.

Um estudo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) revelou que os problemas de saúde mental estão aumentando durante a pandemia da covid-19 e o isolamento social. Segundo o levantamento, os casos de ansiedade e estresse dobraram, enquanto os de depressão tiveram aumento de 90%. Carla Suânne avalia que a quarentena provoca ansiedade e estresse tanto pelo medo de ser infectado quanto de infectar familiares e amigos. Por isso, aconselha que o ideal é manter-se informado e cumprir as normas de segurança da Organização Mundial da Saúde (OMS) para sentir o mínimo de confiança possível.

"O medo é um sentimento comum nestes dias e devemos administrar. Ajuda a manter o foco no bem estar de todos e aproveitar esse momento juntos", completou. Ela destaca que é possível perceber algum problema quando ocorrem mudanças de comportamento, nos cuidados pessoais, alimentação, sono, instabilidade emocional, irritabilidade e sintomas físicos como taquicardia. Isso dura algum tempo e traz prejuízos significativos para o dia a dia da pessoa.

A psicóloga Carla Suânne alerta que caso a pessoa se perceba desanimada, preocupada ou angustiada e nada a deixa animada por dias, é hora de procurar ajuda profissional de um psicólogo ou psiquiatra para um diagnóstico adequado. Porém, ela esclarece que a prevenção também é muito mais importante.

"Para se prevenir ajuda muito manter uma rotina organizada, com flexibilidade, que inclua atividade física, produção (trabalho e estudo) e ócio criativo. Planeje cada dia de uma vez, não se cobre ou se compare com os outros. Priorize seu autocuidado, faça as coisas que sempre quis, mas nunca teve tempo. Use a internet a seu favor para aprender algo novo, busque informações suficientes e de fontes confiáveis e, principalmente, siga com seus tratamentos de saúde. Se toma algum remédio, não pare ou mude a dosagem por conta própria", aconselha.

Foto: Arquivo Pessoal

Carla Suânne: tudo o que remete à morte é tabu

Lidar com a morte é um desafio

Rayane Hellaine é caixa em uma farmácia de João Pessoa e conta que no início da pandemia, ficou nervosa e estressada. Porém, com o passar do tempo e a adoção das medidas preventivas, ficou mais tranquila. "No início eu estava com muito medo. Agora, aqui na farmácia só pode entrar de dois em dois, os clientes estão entrando com máscara e tem uma fita que afasta os clientes do balcão. Estão respeitando muito. Eu fico mais tranquila, sempre com os cuidados certos", explicou.

No entanto, ela às vezes se sente insegura, em especial quando vê alguém não se prevenindo corretamente. A mesma situação é compartilhada pelos seus colegas de trabalho. A funcionária explica que alguns ficam sem dormir direito pensando se estão doentes ou se vão infectar a família. "Tem cliente que vem pra farmácia e diz os sintomas. Aí ficamos apreensivos. A vontade é que acabe logo tudo isso", comentou.

De acordo com a psicóloga Carla Suânne refletir sobre a morte tem sido comum nesses dias de incerteza e vulnerabilidade, principalmente para quem vai trabalhar em meio ao risco. "Estamos em um constante estado de alerta, o que gera muito mais ansiedade. Historicamente falando, nunca tivemos muitas habilidades para lidar com a temática morte, ainda tabu, traz muitos desafios para nós. Sem falar nas mudanças nos rituais fúnebres, gerados pela pandemia, que dificultam o processo do luto", ressaltou.

"Difícil encontrar alguém que não tenha medo de doença. O temor é um dispositivo de alerta importante para nos prevenir de dor e sofrimento. O problema é quando se torna excessivo, paralisante. O temor com cautela é sábio, por exemplo, quando seguimos osconselhos da ciência sobre os cuidados para não nos contaminarmos. Por outro lado, o medo excessivo, nos coloca num estado de ansiedade onde projetamos os piores quadros, e muitas vezes ficamos mais suscetíveis ao que tanto receamos", observou Raví Miranda.

Respirar é preciso

O tratamento para casos mais agudos da depressão e dos transtornos de ansiedade ocorre através de medicamentos, psicoterapia (com psicólogo ou psiquiatra) ou a combinação dos dois. Mas, com a pandemia, a recomendação do Conselho Federal de Psicologia é realizar atendimentos presenciais, apenas em urgência e emergência. Todos os outros são de maneira remota (online), através de aplicativos como Skype, Whatsapp ou ligações.

Estas doenças podem ser evitadas mantendo o funcionamento do corpo e da mente, através de um estilo de vida saudável. Ou seja: dieta equilibrada, atividade física, tempo para o lazer, evitar bebidas alcoólicas, não usar drogas, diminuir a cafeína, ter um sono regular e não interromper tratamento sem orientação médica.

Porém, já existem terapias alternativas, como as técnicas de respiração, a meditação e a Yoga. "No início, procurei um remédio para tranquilizar. Mas, fui aconselhada a fazer meditação. Comecei a olhar no Youtube sobre meditação para tranquilizar a mente. Eu vou relaxando aos poucos para não ficar tão preocupada. Hoje em dia faço isso e me sinto bem melhor", disse Rayane Hellaine.

O professor de Yoga Raví Miranda recomenda a respiração, através da prática meditativa. "A meditação é uma das conquistas da prática Yogue. É caracterizada por um estado de presença, que entre outros benefícios deve promover no praticante uma acomodação dessa incessante atividade mental, e projeções futuras da mente", explicou.

Existem práticas respiratórias e meditativas na Yoga que são técnicas simples e podem ser feitas em casa, sem nenhum risco. Uma das mais conhecidas é a respiração coronária. Raví Miranda conta que a concentração na respiração traz muita paz e quietude para mentes agitadas. A prática é simples.

Basta buscar uma postura confortável e a pessoa vai se concentrar na respiração, contando quantos segundos leva pra inspirar (encher os pulmões de ar) e dobrando o tempo da expiração, ambos feitos pelas narinas (se tiver com a narina obstruída, expira pela boca). Ou seja, inspira, conta os segundos que levou, depois solta o ar no dobro desse tempo. Por exemplo: se você encheu os pulmões em quatro segundos, você vai soltar o ar em oito.

Foto: Arquivo Pessoal

CAVALCANTI DE LIMA SERVIÇOS NOTARIAL E REGISTRAL
1ª Serventia Extrajudicial
Rua 24 de Novembro, nº 36 – Centro - CEP 58.187 - 000 - PICUÍ – PARAÍBA
Telefone: (83) 3371 2120 – e-mail: cartoriodo1oficiopicuipb@hotmail.com

EDITAL

Faz saber a todos quantos o presente edital virem ou dele conhecimento tiverem, que por este Cartório de Registro Imobiliário tramita o pedido de retificação de área requerido por **ANTONIO DAMIÃO BEZERRA**, portador da Cédula de Identidade-RG nº 577.410 SSDS/PB, inscrito no CPF/MF nº 023.260.148-80 e **NÚBIA JEAN DE OLIVEIRA SOUTO**, portadora da Cédula de Identidade-RG nº 2.073.128 SSDS/PB, inscrita no CPF/MF nº 705.916.368-68, onde no qual solicitam o registro da retificação de área/georreferencimento da propriedade rural denominada Baixa Verde, localizada no município de Pedra Lavrada-PB, medindo uma área de 348 hectares, registrada no CRI de Picuí-PB na matrícula 5.107, que após o levantamento topográfico apurou-se uma área de **307,4277 hectares,** e como o senhor **JOSÉ BALBINO DA SILVA**, é confrontante do referido imóvel, o presente edital tem por finalidade NOTIFICÁ-LO dos termos do referido pedido de retificação de área/georreferenciamento, juntamente com a documentação acostada neste cartório, para no prazo de **quinze (15) dias** se manifestar por escrito aos termos do pedido dos requerentes, contados da última publicação deste edital em jornal de grande circulação, que será publicado por duas vezes nos termos do artigo 213, § 3º da lei 6.015/73 e art. 941 do Código de Normas Extrajudicial da Corregedoria Geral de Justiça da Paraíba. Dado e passado nesta cidade de Picuí, Estado da Paraíba, aos 13 de maio de 2020.

Marileide de Macedo Lima
Escrevente Encarregada

Foto: Palmari Lucena

Areia: história e cultura em cenário cheio de charme

Com clima agradável e um rico patrimônio histórico, a cidade é um convite aos turistas mais exigentes

Foto: Clóvis Roberto

Clóvis Roberto
cclovisroberto@gmail.com

História e cultura numa cidade de clima agradável, ruas charmosas e que se preocupa com sua identidade. É essa a impressão que o visitante tem da cidade de Areia, que já foi chamada de Vila de Brejo d'Areia. Localizada a 618 metros de altitude em relação ao nível do mar, o município tem 23 mil habitantes, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e fica a 129 quilômetros de João Pessoa.

Em Areia, o visitante encontrará os encantos de engenhos de cana-de-açúcar, um importante conjunto histórico e urbanístico, com arquitetura remanescente dos séculos XVIII e XIX, com cerca de 420 imóveis tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 2006.

O município fica estrategicamente situado na mesorregião do Agreste e na microrregião do Brejo. Areia surge por situar-se como ponto de passagem de viajantes que percorriam a região entre o Sertão e a antiga Parahyba, hoje João Pessoa, e Mamanguape, como também vindos de Pernambuco rumo ao interior da Paraíba.

Foi do final do século XVII e início do século XVIII que surgiu o povoado inicialmente denominado Sertão do Bruxaxá, que significa "terra onde canta a cigarra". No local, viviam os índios Bruxaxás. À época, um português construiu uma estalagem à margem do cruzamento de estradas, rota dos viajantes. Ele fez amizade com os índios locais e o movimento de viajantes e tropeiros atraiu habitantes.

Com o tempo, o povoamento passou a ser chamado de Brejo de Areia, porque havia na região um riacho de nome Areia, tornando-se distrito de Brejo d'Areia em 1813, que pertencia à vila de Monte-Mor, atualmente o município de Mamanguape, sendo desanexado e se tornando vila em 1815. Foi em 1846 que Areia tornou-se cidade.

O casario tombado, as ruas bem cuidadas, uma população consciente da importância histórica do lugar em que vive. Esta é Areia, que tem lojas de artesanato, boa pavimentação, sinalização, possui boa infraestrutura turística, contando com pousadas charmosas e aconchegantes.

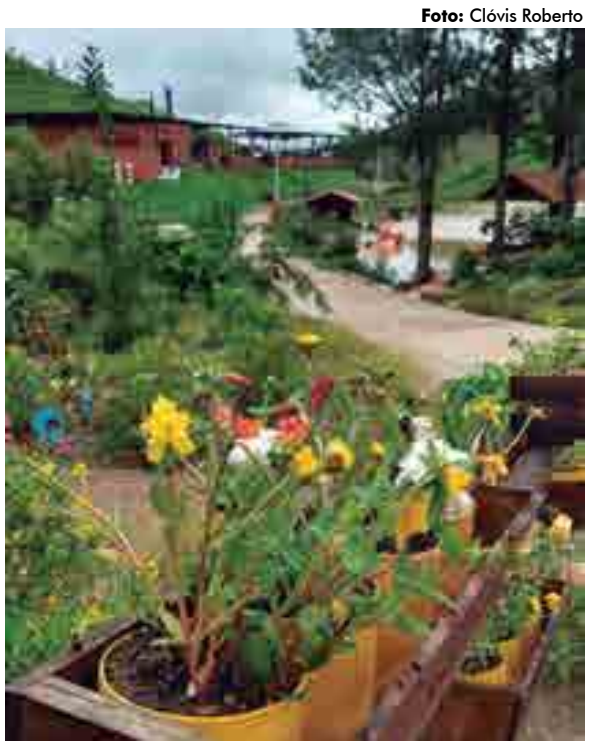
O clima mais ameno, que já chegou a registrar recordes com temperaturas inferiores a 10 graus, ficando abaixo dos 20 graus nas noites de inverno entre junho e agosto, é mais uma atração do lugar. Areia costuma ficar encoberta por uma névoa fria e, às vezes, espessa, que dá ares europeu ao lugar.

A cidade tem um calendário anual de festividades, com destaque para o Festival da Cachaça e da Rapadura e faz parte do roteiro do projeto Caminhos do Frio, junto com outros municípios do Brejo paraibano.

> O município integra o projeto Caminhos do Frio e ainda realiza importantes festividades, como o Festival da Cachaça e da Rapadura

Placas dão recado ao visitante: opções não faltam na cidade

Foto: Clóvis Roberto



Belos jardins espalhados pela cidade dão ar europeu ao local

+ Cachaça, política e arte

Areia é conhecida também pelos engenhos de cana-de-açúcar, que apresentam toda a riqueza do auge da produção sucroalcooleira. O município tem catalogados 117 engenhos. Alguns deles estão em atividade e podem ser visitados. Um exemplo é o Engenho Triunfo, que produz a cachaça Triunfo. Localizado no acesso à área urbana da cidade, o engenho oferece visitação acompanhada de um guia para o turista conhecer o processo de produção da cachaça. Isso sem falar nas lindas paisagens com lago e jardins, onde é possível provar, claro, a tradicional caninha e o sorvete de frutas com cachaça.

Tem ainda o Engenho Vaca Brava, onde se produz a cachaça Matuta, construído em 1860, o mais antigo da região, que ocupa uma área de 525 hectares. Para os visitantes, além da beleza do engenho, a opção de provar a bebida e ouvir histórias sobre o surgimento de Areia.

A história do apogeu da produção canavieira na região pode ser revisitada também no Museu da Repadura, localizado no campus II da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde é possível entender todo o processo de produção artesanal da tradicional rapadura.

A produção de cana-de-açúcar fez com que o uso da mão de obra escrava fosse comum na região. Areia, que possuía um grande movimento pela libertação dos escravos, foi a primeira cidade paraibana e uma das primeiras do Brasil a decretar a abolição da escravatura, em 3 de maio de 1888, dez dias antes da Lei Áurea ser assinada pela princesa Isabel.

Na cidade, ainda é possível visitar o "Casarão José Rufino", localizado no centro da cidade, que funcionou como senzala urbana. Nos fundos do solar construído no início do século XVIII, antes de Areia se tornar cidade, existem pequenos cubículos como se fossem pequenos quartinhos onde ficavam os escravos. Eles desciam para trabalhar nas terras do então proprietário do lugar que ficam no vale abaixo.

Revoluções

A população de Areia, além das ações para a libertação dos escravos, participou de movimentos libertadores como as revoluções Confederação do Equador (1817) e Revolução Praieira (1848), ambas iniciadas na vizinha província de Pernambuco.

Na primeira das duas revoluções, Areia foi sede temporária da província rebelde. De lá, partiram as tropas do sargento-mor Félix Antônio Ferreira de Albuquerque, que combateram as forças leias à Coroa portuguesa. As forças marcharam junto com outras tropas até o Ceará, onde terminaram derrotadas.

Já na Revolução Praieira, Areia foi palco do último combate dos revoltosos no ano de 1849. Depois de derrotados no ataque a Recife, as forças revolucionárias invadiram a Paraíba e buscaram refúgio em Areia. Foram seis horas de batalha, que culminou com na fuga dos revoltosos e sua dispersão pelo interior da então Província da Parahyba.

Terra das artes

A cultura é um dos pontos fortes de Areia. O Teatro Minerva, um dos orgulhos da cidade, foi inaugurado em 1859, o primeiro da Paraíba, inaugurado 50 anos antes do Santa Roza, em João Pessoa. Primeiro chamado de Teatro Recreio Dramático, o nome original surgiu no século passado, quando uma estatueta de Minerva, Deusa das Artes, foi colocada no topo da fachada do prédio estilo clássico-colonial.

Outro local a ser visitado é a casa onde viveu o pintor Pedro Américo, onde funciona um pequeno museu em homenagem ao artista. Localizado no complexo histórico da cidade, o lugar possui objetos de pintura e pessoais, réplicas de obras, originais de desenhos e caricaturas feitos pelo pintor.

Areia também é terra natal do escritor e ex-governador da Paraíba, José Américo de Almeida; do primeiro arcebispo da Paraíba, Dom Adauto; e Álvaro Machado, fundador do Jornal A União.

RAPADURA, CACHAÇA E PALCO DAS ARTES

Foto: Teresa Duarte

■ **MUSEU DA RAPADURA** Um lugar dedicado a preservar a história e a produção do alimento feito da cana-de-açúcar

Foto: Teresa Duarte

■ **TEATRO MINERVA** O histórico primeiro palco das artes cênicas do Estado da Paraíba

Foto: Teresa Duarte

■ **ENGENHO TRIUNFO** Produção da tradicional cachaça num lugar feito para receber bem o turista

Foto: Clóvis Roberto

■ **MUSEU** A vida e a obra do pintor Pedro Américo

Esportes

Clubes paraibanos sem elencos e ainda sem caixa para as contratações; equipes não sabem como retornariam a disputa do campeonato estadual caso a volta fosse confirmada. Página 12

Foto: TVTorcedor

Bebel Gilberto lança disco após um hiato de seis anos

Cantora e compositora revela os detalhes de 'Agora', o seu sexto álbum solo de estúdio

Kubitschek Pinheiro
Especial para A União

Foto: Luigi & Lango/Divulgação

Segundo a artista, todas as músicas presentes no CD contam pedaços da sua vida, sempre misturando fantasia e realidade

Radicada em Nova York, EUA, a cantora e compositora Bebel Gilberto está no Brasil e já liberou dois singles de seu disco batizado de *Agora*, que será lançado completo no final de agosto: 'Bolero', em espanhol, composta por ela, Jennifer Charles e Thomas Bartlett, este último responsável pela produção do álbum; e 'Deixa', que foi lançada primeiro.

Produzido pela gravadora belga PIAS Recordings, o CD é o primeiro de estúdio da artista em seis anos e sairá em todas as plataformas digitais e no formato físico. Após um projeto gravado na praia do Arpoador, diante do mar de Ipanema (RJ), o seu trabalho mais recente foi *Tudo*, em 2014.

Em entrevista ao jornal A União, Bebel fala do novo CD, a saudade dos pais, Miúcha (1937-2018) e João Gilberto (1931-2019), da participação de Mart'nália – filha de Martinho da Vila – no disco e dá sua opinião sobre o Brasil atual, dentre outros temas de agora e sempre.

ENTREVISTA

Depois de um hiato de seis anos, será lançado o disco *Agora*. Por que tanto tempo?

Porque, nos últimos anos, muita coisa mudou também na indústria musical, e eu me sentia cada vez menos motivada a começar a gravar um trabalho novo... Por isso, o lançamento deste disco é tão bom. Um projeto totalmente espontâneo e verdadeiro.

Já foram divulgados dois singles, 'Deixa' e 'Bolero'. Aos poucos vamos conhecendo o resto das canções pelas plataformas até a chegada definitiva do disco completo?

Exatamente. A nossa ideia é soltar single após single até o lançamento do disco, previsto para o final de agosto.

Essas novas canções foram compostas este ano ou estavam já guardadas?

Todas as músicas são composições originais escritas entre 2017 e 2019.

'Bolero' é uma canção em espanhol que traz Bebel ao lado de Jennifer Charles e Thomas Bartlett. Poderia nos contar mais sobre essa parceria?

Thomas e eu nos conhecemos há mais ou menos 10 anos. Imediatamente, ficamos amigos e começamos a fazer juntos uma turnê atrás da outra. Ele esteve comigo no Brasil duas vezes. Na primeira vez, fizemos Sesc Ibirapuera (SP) e também Circo Voador (RJ). Foi lindo. A segunda vez foi para gravar *All in one*, na Bahia, com Carlinhos Brown, disco que lancei pela Verve, em 2009. Foi nessa época que começamos a compor juntos e escrevemos para *All in one* as músicas 'Secret' e 'Forever'. Hoje em dia, ele é a pessoa com quem mais escrevi músicas na vida, e isso é o maior orgulho.

Ainda sobre a canção 'Bolero', você disse que estava terrivelmente apaixonada. Não está mais?

Não. Aquele amor espanhol acabou. Isso não quer dizer que não esteja aberta a novos amores, porém, o momento para mim é de total solidão.

A capa em preto e branco de *Agora* traz a assinatura do diretor de arte carioca Giovanni Bianco. Você pensava em uma arte assim, minimalista?

O Giovanni é um grande amigo. Nós dois fazemos parte de uma turma que passou por muita coisa juntos, em Nova York, desde os anos 1990. De uma forma ou de outra, acabamos crescendo todos juntos. E o fato de o Giovanni se dispor a se entregar para esse projeto de corpo e alma foi muito importante. Na verdade, começamos a sonhar com este trabalho quando nos encontramos em Puglia, na Itália, no verão de 2017. Eu já queria que Gio fizesse a minha próxima capa e nós estávamos pertinho, sem ter planejado nada.

Foi na Itália que esse novo disco começou a ser pensado?

Eu fui pra Ostuni sozinha, não conhecia ninguém: estava a fim de viajar sozinha e, de repente, encontro Gio, o rei das conexões, que estava lá para o aniversário da Madonna. Acabamos passando dias, tardes e noites maravilhosas juntos. Giovanni estava hospedado com os fotógrafos Luigi e Lango, que foram os responsáveis pela linda foto e *hair styling* do disco. Gio nos apresentou e nos apaixonamos ali mesmo. A foto do disco, que também contou com o *stlying* de Pedro Salles e maquiagem de Georgi Sandev, veio na hora certa, dois anos depois. Foi também na Puglia que comecei a ter as ideias das primeiras melodias deste disco. Essa viagem foi definitivamente mágica.

> Na internet, de single a single, o álbum será divulgado até o seu lançamento definitivo, programado para o final de agosto

O disco abre com 'Tão Bom', seguida da faixa que dá nome ao projeto e 'Cliché. De que falam essas canções?

Essas faixas falam de situações que se passaram na minha vida. Cada uma conta, de uma forma ou outra, o que eu estava passando. 'Tão bom' foi escrita com uma carta de amor ao Thomas. 'Cliché' foi uma das últimas músicas a serem compostas, por insistência do Thomas em querer explorar novas ideias. Quando ele me disse ao telefone que tinha uma música nova, eu me assustei, pois achava que a gente já tinha o disco pronto. Porém, quando ouvi os primeiros acordes de 'Cliché', uma melodia veio na minha cabeça imediatamente.

Foto: Divulgação

Você tinha pensado em um conceito para *Agora*, antes de começar a gravá-lo?

Não. O disco foi acontecendo despretensiosamente ao longo dos meus encontros com o Thomas. Começamos a trocar ideia e a compor sem compromisso algum. Quando percebemos, já tínhamos um álbum pronto. Mas, mesmo quando já estávamos com compromisso de lançar o disco, tudo aconteceu de forma muito leve, fluida e criativa.

A sambista Mart'nália canta com você neste disco?

Mart'nália está comigo em duas músicas do disco, 'Na Cara', uma parceria nossa, e 'Raio', uma composição minha e do Thomas. Escrevemos 'Na Cara' pelo WhatsApp, nossa primeira parceria. Foi uma delícia contar com essa grande amiga neste projeto.

Como você está vendo a situação atual do Brasil diante da pandemia?

Com muita tristeza e revolta. A cada dia que passa, o Governo se mostra mais irresponsável e insensível em relação à situação pela qual estamos passando. O Brasil é um país gigantesco, com questões diversas e uma enorme desigualdade. E a população mais vulnerável, como sempre, é a que mais sofre com tamanho descaso.

Como está o coração de Bebel depois da viagem de seus pais, Miúcha e João Gilberto?

A saudade que sinto é imensa, foi um ano muito difícil, por isso busquei focar o máximo possível neste trabalho, que tem me dado um prazer enorme.

Nesta época de isolamento social, tem lido um bom livro?

Tenho lido pedaços de livros. A concentração anda um tanto comprometida. Mas quero ler o *Um diário do ano da peste* (de Daniel Defoe). Eu me lembro do meu avô (Sergio Buarque de Holanda) me contando sobre as pestes quando era pequena. Morava com meus avôs em São Paulo. Sempre ia dar um beijo nele antes de dormir e ele lia um pouco pra mim, me falava principalmente da febre amarela. Parece que sabia que ainda viveríamos isso de novo.

O que se pode adiantar sobre essas outras canções: 'Essence', 'Na Cara', 'Raio', 'Yet Another Love Song', 'O Que Não Foi Dito' e 'Teletransportador'?

Todas essas músicas contam pedacinhos da minha vida. Sempre misturando fantasia e realidade. Obviamente, existem músicas que são 100% realidade. Outras, digamos que tenham 70% de realidade disfarçada de fantasia. Mas sempre há fantasia, ironia e poesia.

Através do QR Code acima, acesse os singles 'Deixa' e 'Bolero' no Youtube

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

O fim da humanidade

Foto: Divulgação

Filósofo sul-africano David Benatar defende a extinção da espécie humana

A minha primeira reação ao ver o filósofo sul-africano David Benatar defender a extinção da espécie humana foi pensar "Por que, diabos, ele não se suicida?" Acho que é uma incoerência entre doutrina e prática, intrujice filosófica, querer acabar com os seres humanos e não dar sua contribuição tirando a própria vida.

Os argumentos de David Benatar não são convincentes. Ele parte da constatação óbvia que a vida humana é marcada pelo sofrimento para concluir que não vale a pena viver. A solução dele não é, porém, tentar diminuir o sofrimento, mas por um fim na espécie humana. O raciocínio pode ser reduzido no adágio: "Se não vivemos, não sofremos". O filósofo reconhece que a vida tem bons momentos e que podemos nos sentir felizes, mas, como nada disso é permanente e a dor mais intensa que o prazer, o certo mesmo seria a extinção da humanidade.

Para concretizar tal objetivo, ele não recomenda o extermínio em massa, deixando claro que há uma diferença fundamental entre exterminar e extinguir. O extermínio pressupõe o uso da violência, enquanto a extinção causas naturais. Sua proposta "damariana" é impedir a reprodução da espécie. Segundo o filósofo, trazer alguém à vida seria algo tão terrível que precisa ser evitado. Não haveria nada mais cruel e desnecessário do que colocar uma criança no mundo. Penso que a escolha individual de não ter filhos ou não querer viver é inteiramente legítima, mas tornar isso uma regra universal é uma loucura autoritária.

É preciso considerar que o prazer e a dor são sentimentos complementares, instáveis, que se realçam mutuamente. Esse fato levou Freud a afirmar que o ideal de felicidade jamais será realizado em sua plenitude. É por causa dessa instabilidade que ele achava absurdo pensar que a finalidade da vida humana seja a felicidade. As possibilidades de felicidade são limitadas pela nossa constituição física, psíquica e social, como também pela necessidade do contraste enquanto elemento essencial para o gozo.

Sem o contraste não conseguiríamos medir as diferenças dos estados emocionais nem fazer escolhas de caráter moral que envolvam noções de bem e mal. Basta perceber como a comida fica muito mais saborosa depois de um longo período de jejum, assim como a água gelada é mais prazerosa em dias quentes. Comer um doce após uma refeição salgada e receber uma notícia alegre durante momentos de angústia ganham também outra coloração. A intensidade do contraste potencializa as sensações.

No século 18, o filósofo inglês Jeremy Bentham dizia que nada é capaz de exercer mais influência sobre os seres humanos que os intermitentes sentimentos de dor e prazer. Lutar contra esses senhores que tudo governam seria inútil. Dessa forma, ninguém seria absolutamente feliz ou infeliz, já que é impossível estender estados de prazer e dor indefinidamente. A expectativa de felicidade, no entanto, dirigiria nossas escolhas.

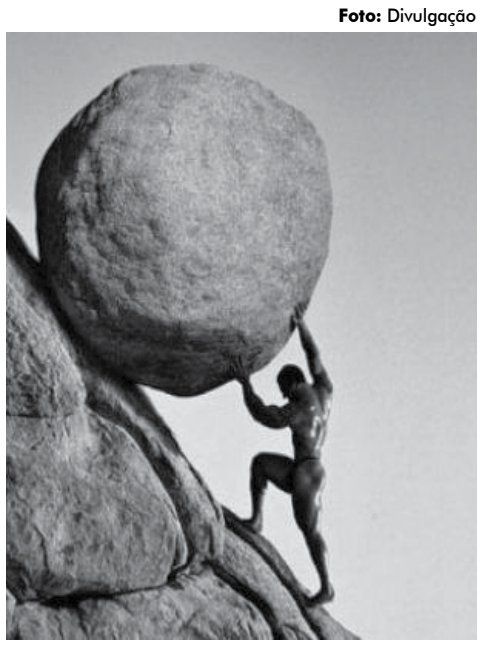
Existem muitas formas de encarar a vida. Umas mais otimistas; outras, menos. Em determinados círculos intelectuais, ser pessimista denotaria certo charme pessoal. Visão cultivada por vários filósofos que costuma possuir uma claque fiel. Todo pessimista, do ponto de vista prático, alimenta um conformismo nocivo em relação à realidade. É sempre mais fácil apontar os problemas e esperar que as tentativas de resolvê-los fracassem.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Ascensão e declínio do bem-comum

Foto: Divulgação



'O mito de Sísifo', uma das narrativas grega antiga

Ignorar os sofrimentos do cidadão é mediocrizar os valores humanos e decretar a morte da sociedade. A partir da Política busca-se construir a harmonia social e o direito às condições dignas da sobrevivência humana, mas é na Filosofia Política que se estuda a natureza do Estado e do Governo e a convivência humana. O filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), em seu livro *A Política*, afirma que "O ser humano é um animal político" e a humanidade é a justificativa para o humano residir em sociedade e evoluir para construir a felicidade. A Política Aristotélica está associada à moral e ao bom comportamento, e o Estado deve dar condições para o cidadão se tornar honesto e virtuoso para exercer a moral individual e as virtudes. No Aristotelismo, a Política destina-se à coletividade e a moral situa-se no agir do indivíduo; a Ética é a doutrina moral individual; a Política é a doutrina moral social. E que todos devem construir o bem-comum. Nessa tese de Aristóteles, o bem-comum transcende ao bem particular; e no Estado realiza-se a satisfação de todas as necessidades, pois o cidadão, por ser social e político, não pode realizar a sua perfeição sem a sociedade do Estado.

O filósofo Aristóteles estrutura a Política como uma ciência que tem a finalidade de construir a felicidade. Nessa tese, a Política se divide em: Ética, quando protege a felicidade do cidadão na sociedade e comunidade; e na própria Política, quando se preocupa com a felicidade coletiva da cidade. A Política deve procurar os melhores sistemas de governo para assegurar a dignidade humana, e as instituições devem garantir a vida feliz ao cidadão. No Aristotelismo, a Política é essencialmente prática e busca o conhecimento para objetivar o comportamento virtuoso do cidadão, com a finalidade do bem-comum. Aristóteles nos diz no seu livro *A Política*: "Vemos que toda cidade é uma espécie de comunidade, e toda ela se forma com vistas a algum bem (o bem-comum), pois todas as ações de todos os homens são praticadas com vistas ao que lhes parece um bem; se todas as comunidades visam a isso, é evidente que a mais importante de todas elas – e que inclui todas as outras – tem mais que todas, este objetivo e visa ao mais importante de todos os bens, ela se chama cidade e é a comunidade política".

Os conflitos humanos podem ascender e declinar a dignidade do cidadão, de forma a conduzir a Filosofia Política a partir da voracidade humana e fundamentar-se na maldade e na bondade. No século 15, a natureza humana voltou a se tornar a medida de todas as coisas. Isso criou – na Filosofia Política – um conceito de liberdade que desafiou os conceitos da Política de Aristóteles. Nesse contexto, surgiu a formação do Estado Moderno construído de interesses entre reis e a burguesia para o desenvolvimento das práticas comerciais, de forma a priorizar a liberdade individual. Nessa conjuntura, surgiram tensões e guerras entre os interesses do privado e público. Diante desse conflito, surgiu a necessidade de recuperar o poder do governante para preservar o Estado. Para resolver esse antagonismo, o diplomata, historiador, poeta e músico italiano Nicolau Maquiavel (1469-1527), apresentou um novo conceito de Estado e de Governo desvinculados da ética, da moral, das virtudes e do bem-comum. Definiu também um modelo de governante que exercesse o poder com astúcia, engano e violência; e que a quebra de palavra poderia tornar-se meios legítimos e os fundamentos jurídicos desconhecidos e inacessíveis.

Maquiavel escreveu os livros *O Príncipe* (em 1513 e publicado em 1532) e *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio* (em 1517 e publicado em 1531). Nessas obras, de forma pessimista, Maquiavel analisa o bem e o mal como categorias inatas da natureza humana. No livro *Os Discursos*, ele descreve as violentas consequências que causam a participação popular diante das questões de Estado, e conclui que levar o povo a defender suas intenções – que não são consensuais – pode resultar em indefensáveis conflitos políticos. No livro *O Príncipe*, ele apresenta a tese de que é melhor o governante ser temido do que amado. O governante não deve se importar por ser considerado cruel, porque ser cruel é mais piedoso do que os que – por muita clemência – deixam acontecer desordens que podem resultar em assassinatos e corrupções que fazem mal ao povo, apesar da insatisfação de alguns cidadãos contra esse governante. A ação política do governante deve ser autônoma e há vícios que são virtudes. O governante, de forma ambiciosa, deve priorizar a fortuna, o lucro, o poder, e deve dominar o outro para não ser dominado, porque os seres humanos são perversos, ingratos, inconstantes, falsos, gananciosos, e que todos seguem suas más predisposições assim que tenham a oportunidade de exercer o poder. O governante não deve respeitar as Leis e nem a pretensão de transmitir virtudes. Maquiavel usa a religião como instrumento de domínio e de força para resgatar o poder – é o cimento da política.

Sinta-se convidado para a audição do 267 Domingo Sinfônico, deste dia 17, das 22h até às 0h. Sintonize FM 105.5 ou busque no Google radiotabajara.pb.gov.br. Irei comentar o impressionismo, nacionalismo e romantismo.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O espetáculo dos idiotas

Ousadia não é pouca. É possível ter esperança no mundo? Cartas para o filósofo Luiz Felipe Pondé. Aliás, saudades atômicas de Nelson Rodrigues, que adorava os idiotas. Até que eles são engraçados. Nelson profetizou que os idiotas iam tomar conta do mundo, "jamais pela capacidade, mas pela quantidade". Eles aumentaram e muito, viu, Seu Nelson?

Da janela da minha rede social Ltda., veja postagens e relâmpagos dourados. Trovoadas, lobisomens e até carapuças de Stalin. São tantas. Tio Patinhas anda sem grana, vi no Instagram da Madame Mim e sua força-tarefa. E rolam até preliminares. Não, não são com personagens infláveis.

Prisioneiro de mim mesmo, vi uma postagem ilustrada com a imagem da cidade de Veneza cheia de cisnes (um *fack*), cuja legenda dizia: "Veneza agradece a pandemia". Como assim? Que situação aflita! Idiotas acham que estamos todos na mesma gôndola. A zona pode ser a mesma, nunca a lona.

Vamos vendo essas agonias, nas quais idiotas pensam que sabem de tudo, mas não sabem e se jogam nas redes sociais com tudo. Algumas postagens são detestáveis e desqualificadas para qualquer papo.

Voltei para meu cativeiro. Lendo na cama, na rede, remando e criando energia, para suportar a velocidade dos idiotas. Cada um pior que o outro. Estratagemas. Às vezes pasmo, pois muitas cenas se dão ao mesmo tempo. O corpo exausto da luta caseira se recusa a parar. Ainda temos tempo? Cartas para a moça de todos os tempos.

Uma pausa. Recuso-me a repetir textos. Acho isso uma moleza. Repetir é uma coisa, mas sempre é sacanear com o idioma. Ora, bote um disco pra tocar, cante, requebre, faça uma *live*, diga que você não enlouqueceu, mas não faça postagens banais. Ué, voltei ao tema? Veneza agradecer a essa pandemia?

Papo de ontem: "Quando passar a pandemia, vou fazer caridade e serei outra pessoa". Quando? Aviso aos guerreiros, se for fazer doações, não façam *selfies*. Idiotas disfarçam que são idiotas. Nascem feitos. Eles vêm pelas correntes sanguíneas. Temos dois vírus no ar. Aliás, vários vírus.

Em outra *timeline*, consagrados são detonados e inteligentinhos ganham plateias. Idiotas nos divertem, sim, mas como tem aumentado nessa pandemia. Idiotas, arrependei-vos. Manda quem não pode, obedece quem não tem juízo.

O meu bando não simpatiza com truques e mutretas. Aquela moça que posta ela todo dia, se achando linda, esnobando riqueza, já virou um memorial. Em outros tempos, seria enviada para um manicômio pra lá da mata do Amém, amém. Quer fazer diferente, se levante da sua poltrona e jogue fora seu traquejo estrutural e ignorante. A pandemia fez com que eu desencontrasse com muitos idiotas. Veneza não agradece a pandemia nenhuma, moça!

Nada mitos, são todos malditos, justificando tiroteios verbais e descaminhos. Pense numa oração, a de São Francisco, para nos livrar desse mal, que se sustenta na televisão e nas postagens absurdas.

Agora me diga: Quando você tá conversando com uma pessoa que só se "autoelogia", em quantos segundos você encerra a conversa? Cartas para Muriel, a dona de Coragem, o Cão Covarde. Eu disse covarde?

Kapetadas

1 - Nunca estive tão perto de chegar tão longe.

2 - E a letra "T" do tempo que não espera por ninguém, separa imponente de impotente?

3 - Som na caixa: "Este sapo cururu não anda de bicicleta / Mas ele anda dizendo que a lua é careca", de Jorge Mautner.

Foto: Divulgação

Muriel e Coragem, o Cão Covarde, personagens da Cartoon Network

Colunista colaborador

Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | colaborador

‘Streaming’ como solução em tempo de isolamento

Foto: Divulgação

Cena do filme ‘A Revolução em Paris’, com direção de Pierre Schoeller

Nesses tempos bizarros e de clausura, só mesmo o modo *streaming* de exibição de filmes para nos salvar de uma forçada “dieta” cinematográfica. Mesmo que, ir ao cinema de shopping na condição de submisso da pipoca com refrigerante, de há muito não me cause interesse. Só nos resta mesmo é ficar em casa, aventando *idées créatives*, escrevendo para o jornal como tenho feito ou editando imagens (frame a frame) para um novo espaço-tempo de luz e sombras...

Rebobinando aquilo que escrevi recentemente em A União, ao assistir (em quarentena) *Filmando* Casablanca, através de seu WhatsApp, Manoel Jaime Xavier sentenciou: “Uma vez mais, um Alex reflexivo na sua coluna dominical. Nestes tempos de isolamento social, tenho feito minhas reflexões.” Ele estaria se referindo a um trabalho que ora elabora comigo, no plano do audiovisual – diferentemente, claro, de seu atributo como médico. Essa oportuna observação, conforme entendi bem, caiu-me como uma abalizada “receita médica”, no sentido de ocuparmos a mente com coisas que não sejam apenas escatológicas, epidêmicas, hoje tão óbvias nos *mass medias*, e que nos preserve desta trágica epidemia, sendo o melhor caminho é “ficar em casa”...

Indiretamente, o amigo Jaime se reportou ao oportuno *streaming movies* que hoje dispomos, de rever bons filmes pela internet sem a necessidade de sairmos para as salas de cinema da cidade. E que hoje seria o caso do habitual projeto francês, este ano rotulado, oportunamente, de Festival Varilux Em Casa. E sobre isso, pegaria carona na reportagem do parceiro de redação Audaci Junior, quando nos garantiu uma relação de nada menos 50 filmes do projeto para vermos em quarentena.

Tenho assistido a alguns bons filmes, justamente pela Netflix, nesta fase de isolamento. Dentre os que mais apreciei, encontra-se um que está sendo anunciado pelo projeto Varilux: *A Revolução em Paris* (*Un peuple et son roi*), lançado em 2019. Drama denso, de valor histórico, que se passa durante o reinado de Luís XVI, no final do século 18. Na sinopse, o filme trata da revolta do povo francês contra o poder da monarquia, tempo em que se exige transformação na sociedade baseada nos princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Com base nisso, adveio a República na França. Contextualizado em sua importância histórica está o populaço – homens e mulheres comuns, mas que se tornaram, com o tempo, figuras heroicas da Revolução Francesa.

Com direção de Pierre Schoeller e largo elenco, *A Revolução em Paris* é uma das indicações do Festival Varilux em Casa, o que recomendaria àqueles que apreciam o cinema europeu em suas sagas históricas memoráveis. – Mais “coisas de cinema”, acesse nosso blog: www.alexsantos.com.br.

APC: Vida e obra de seu Patrono

ACADEMIA PARAIBANA DE CINEMA – Cadeira Nº 24, Patrono: RODRIGO ROCHA (Ocupante professor-cineasta Lúcio Sérgio Vilar). Rodrigo morreu tragicamente em agosto de 1996, aos 26 anos, empunhando uma câmera de vídeo ao tentar imagens de efeito especial para um trabalho em um poço do antigo Hotel Nazareno, no Altiplano, em João Pessoa. Foi colunistano jornal O Norte, além de produtor musical. Deixou um único trabalho produzido em vídeo (Rock em João Pessoa), projeto de conclusão do curso de Jornalismo da UFPB. Para manter a memória, exemplo de dedicação e profissionalismo na área de jornalismo cultural, foi produzido, em 2004, um doc-tributo intitulado Pastor de Ondas, dirigido por Lúcio Vilar.

‘Meu Espaço’

Programação foca no público infantil

Cairé Andrade
caireandrade@gmail.com

Foto: Divulgação

Canções de Wagner Malta têm mensagens educativas sobre temas como bullying e alimentação saudável

Hoje à tarde, a programação do ‘Meu Espaço’ será focada no público infantil. A partir das 17h, contação de história, circo e música serão representadas para distrair e divertir a criançada neste período de isolamento. Apresentam-se, hoje, os artistas Lívya Menezes (*Ariel conta a História do Patinho Feio*), Loma Dutra (*Contação Sustentável*), Wictor Emanuel (*Mister M e o Palhaço Famozinho Jackson*) e Wagner Malta (*Aprenda Cantando*).

Já amanhã, o evento on-line conta com apresentações de Ana Moraes (cinema), Levi Bezerra (culturas populares), Bruna Guido e Kaline Menezes (cinema) e Jack Keysy (dança). As exibições acontecem em formato de estreia na plataforma do Youtube, no canal oficial da Funesc.

Hoje, o compositor Wagner Malta participa das apresentações e traz uma performance que pretende divertir as crianças com suas músicas autorais, baseadas nos textos dos livros paradidáticos do projeto *Sara e Sua Turma*.

Malta, que já tinha o projeto para criação das canções de trilha sonora para a personagem, pensou em elaborar um novo material para participar do ‘Meu Espaço’ e educar o público infantil com mensagens a partir de temas como *bullying* e alimentação saudável, de uma maneira mais leve. “Valoriza nossos costumes, nossa cultura, nossas diferenças. Esse trabalho pode ajudar muito a dar um apoio para os pais”, aponta.

Na edição de segunda-feira, a dançarina Jack Keysy realiza uma performance para reflexão e com elementos familiares neste momento de quarentena. “Tem o lado cibernético que estamos todos conectados, e o paralelo com o próprio ‘eu’”, explica. Na performance, ela utiliza o corredor de casa, representando um beco.

A trilha sonora se baseada nas duas músicas homônimas: ‘Beco sem saída’, de Chorão e Silvio César. Jack pretende mostrar as sensações presenciadas neste período de isolamento em casa. “Faz a gente refletir sobre as possibilidades de espaço, mudanças de humor, de sensações, a sensibilidade que aflora e todas as variantes, porque somos humanos e estamos todos sujeitos a esses altos e baixos”.

Através do QR Code acima, acesse o canal oficial no Youtube da Funesc

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertobarbosa@bol.com.br

Wills é uma festa!

Quem não gostar de Wills, bom da cabeça não é. Wills não é daquele tipo que constrange, que agride, que afasta as pessoas. Não é o famoso chato de galochas, o desmancha-prazer, o testa franzida, o da bílis negra, sempre destilando o veneno de suas gotas azedas e niilistas. Ao contrário: Wills agrega, aglutina, catalisa todo aquele que se vê diante de sua figura alta, esguia, loquaz e inquieta. Wills é, por excelência, uma criatura cinética, relacional, holística, dotado de virtudes raras, como a lealdade e a generosidade, por exemplo.

Se gosta do bem-bom, do conforto doméstico, da comida refinada e da bebida de qualidade; se calça o melhor sapato, veste o terno de corte com gravatas coloridas e usa, é claro, perfume masculino de raras linhagens, isto não me parece defeito. Se ama o bom cinema, se curte a boa literatura, se cultiva a arte do prosear, se viaja e ri como todo homem sensível e inteligente, isto não me parece defeito. Se aprecia a beleza da paisagem, e reconhece o valor histórico e artístico de certos monumentos; se compreende as pulsões legítimas dos rituais festivos, os preciosos sigilos de múltiplas gastronomias e, em especial, adora a beleza, a beleza dos mares, dos ares, do fogo e da terra, a par da paixão amorosa pela beleza das mulheres e suas comoções interiores, isto não me parece defeito.

Já o disse, certa feita: “Seu traço nuclear é o movimento”. O movimento das ideias, o movimento dos afetos, o movimento das ações. No tempo e no espaço, Wills não para. Wills é um ser em processo, uma entidade física e metafísica sempre em elaboração. Há nele qualquer coisa do melhor Dom Juan, do mais carismático Macunaíma, do mais ingênuo Dom Quixote, do mais intrépido e inesperado Papa-Rabo, na medida em que a ética do ideal, a lógica do dever ser se quer leitura crítica do que foi, do que é e dos limites do real.

Como Montaigne, sabe das riquezas da amizade e como esteta da imagem, sabe filtrar, no corpo histórico da urbe, os ângulos indissolúveis das paisagens que ficam. Pode ser a casa de Virgínius, o casarão dos azulejos, as mansões aristocráticas que ainda resistem na avenida João Machado e nos pequenos sítios do bairro de Tambiá ou no azul esverdeado das águas que batem na Ponta do Cabo Branco.

Solteirão por convicção filosófica e criador da doutrina que explora a aventura do amor atonal. Boêmio, carnavalesco, acadêmico, historiador do cinema local e turismólogo autodidata. Conhece e ama João Pessoa – a cidade – como poucos, embora não negue suas raízes brejeiras fincadas nos canaviais de Alagoa Nova. Seus anos, oitenta ou “oitentações”, como disse Jomard Muniz de Britto, na sua linguagem cheia de hibridismos fonéticos, devem, sim, ser celebrados no fuso translógico de oito versões festivas. Ora, se ele mesmo só sabe celebrar a vida e ser, ele mesmo, uma celebração, uma festa!

Se “alguns homens nascem póstumos”, conforme Nietzsche, certamente Wills Leal não é um deles. Sempre o vejo como o topógrafo dos nossos territórios simbólicos. Se não quer envelhecer, como ele mesmo afirmou, é porque ele – Wills – é memória. Memória viva e reinventada. Se “A alegria é a prova dos nove”, segundo Oswald de Andrade, nela Wills tira nota máxima.

(Em tempo: este texto é republicado em memória de Wills Leal. Escrito por ocasião dos seus oitenta anos, integra meu livro de crônicas, Valeu a pena*, de 2019).*

Foto: Arquivo A União

Jornalista, escritor e idealizador da APC, Wills Leal (1936-2020)

Colunista colaborador

Foto: Reprodução/Instagram

Foto: TVTorcedor

Birungueta, um dos destaques da Perilima, já deixou o clube, assim como todos os jogadores do Nacional de Patos, alguns deles, em lance de jogo contra o Botafogo pela primeira fase do Campeonato Paraibano no Almeidão

Clubes sem elencos e ainda sem caixa para contratações

Cinco equipes do Campeonato Paraibano não sabem como retornariam à disputa se a volta fosse confirmada

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Se o Campeonato Paraibano retornasse hoje, ao menos cinco equipes não teriam jogadores para iniciar a competição. Isso ocorre, pois durante o período da pandemia, os times rescindiram ou não renovaram os contratos dos atletas que atuaram até a paralisação. Essa situação atingiu Nacional de Patos, Perilima, São Paulo Crystal, Sousa e Sport Lagoa Seca, especialmente a partir do dia 30 de abril – data em que, nas condições normais, a competição já deveria ter sido finalizada, quando a maior parte dos vínculos profissionais se encerraram.

No outro grupo que fecha as 10 equipes da primeira divisão, estão os times que possuem vagas garantidas para as competições nacionais – Botafogo e Treze (Série C), Campinense e Atlético de Cajazeiras (Série D) -, além do CSP. Mesmo com o recurso da CBF, os quatro representantes da Paraíba nas disputas nacionais já realizaram dispensas ou deixaram de renovar contratos, como no caso do lateral Israel que não integra mais o elenco botafoguense.

O primeiro clube a esvaziar o seu elenco foi o Nacional de Patos que, ainda no dia 20 de março, anunciou a dispensa de todo o elenco e comissão técnica - assim que a Federação Paraibana de Futebol (FPF) anunciou a paralisação do estadual. O clube ainda defendeu o cancelamento da competição e a manutenção das equipes sem rebaixamento, mas foi voto vencido diante da perspectiva de disputa das vagas nas competições nacionais.

Após a decisão tomada pelo Nacional, a maior parte das equipes resolveu aguardar o encerramento dos contratos com os atletas, buscando ainda custear as folhas salariais do mês de abril. No entanto, conforme esse período foi sendo encerrado e o quadro epidemiológico seguiu sem apresentar melhoras, os contratos foram, na maioria, finalizados. Na Perilima, de acordo com a assessoria de imprensa do clube, sete jogadores já tiveram o vínculo encerrado, entre eles, nomes importantes como Birungueta e Fernandes.

Enquanto isso, o São Paulo Crystal manteve apenas jogadores com contratos mais longos e atletas das categorias de base, tendo interrompido o vínculo também de membros da comissão técnica e dirigentes do clube. Por fim, tanto o Sport Lagoa Seca e como o Sousa repetiram o Nacional e já realizaram ou estão finalizando o encerramento dos últimos contratos.

Segundo Aldeone Abrantes, presidente do Sousa, a situação é grave e não havia como os clubes renovarem os contratos, além disso, o dirigente afirmou que não acredita no retorno da competição em curto prazo e a solução encontrada foi dialogar com alguns atletas para que, caso haja o retorno, eles possam assinar novos vínculos com o "Dinossauro".

"Estamos conversando e resolvendo com alguns atletas para um possível retorno, pois nossa intenção é que caso isso ocorra possamos remontar o elenco com a maior parte deles. Vamos aguardar a definição do cenário, mas eu não acredito na volta do futebol tão cedo", comentou Aldeone.

Integrantes do Brasileiro vivem em dificuldades

Também com muitas dificuldades, mas ainda com a garantia da realização de competições nacionais no segundo semestre, Botafogo e Treze que receberam R$ 200 mil de auxílio da CBF pela participação na Série C e Atlético de Cajazeiras e Campinense que receberam R$ 130 mil, tiveram nesse recurso um alento para sobreviverem durante os dois últimos meses. Contudo, a maior parte desses recursos já foi ou será utilizado até o final desse mês e, após esse prazo, as equipes podem ficar sem qualquer tipo de fonte de recurso, já que boa parte dos patrocinadores também deixaram de pagar suas cotas nesse período.

Com o recurso que chegou, o Treze quitou o pagamento de sua folha salarial do mês de março e já pagou cerca de 80% dos salários de abril. A diretoria ainda realizou um acordo com os atletas e comissão técnica para o congelamento dos contratos, sob a garantia de que não haverá redução salarial no clube. Ainda assim, quatro atletas tiveram o encerramento de seus vínculos -os volantes Diogo Fogliato e Alessandro Maranhão, o atacante Mirandinha e o zagueiro Iago Leite. Por outro lado, o Galo estuda a contratação de uma lateral direito e de um meia-atacante que devem chegar do futebol do sudeste, além da confirmação do retorno do atacante Ceará.

Enquanto isso, o Botafogo também sofre para garantir o pagamento de suas folha salarial e demais custos operacionais. Só em salários, o clube possuía um custo mensal de cerca de R$ 400 mil e, por isso, a diretoria promoveu uma redução salarial para o elenco de 25% e de 15% para os demais funcionários – exceto para profissionais com até R$ 1,5 mil de rendimentos. Mesmo com os ajustes, o clube não renovou o contrato de Israel e pode perder o atacante Dico e o também lateral direito Neilson que ainda não renovaram seus contratos e possuem vínculo apenas até o fim deste mês.

"Nós estamos trabalhando ao lado do nosso departamento financeiro em busca de alternativas financeiras nesse momento difícil. Junto com as outras equipes da Série C estamos solicitando uma nova parcela do auxílio pela CBF. Também seguimos em busca de patrocínios e estamos em diálogo com o Governo do Estado para a liberação do recurso, via Programa Incentivo ao Esporte", comentou Sérgio Meira, presidente do Botafogo.

Entre os representantes da Série D, o Atlético de Cajazeiras utilizou os R$ 130 mil disponibilizados pela CBF para quitar suas folhas de pagamento do mês de abril e complementar a de maio que será paga no fim do mês. O clube também realizou redução salarial para os atletas (o quantitativo não foi divulgado). No time sertanejo, cinco jogadores deixaram de compor o elenco nesse período - o atacante Conrado, o meia Cadu, os volantes Caíque e Cássio, além do zagueiro Fernando. Pensando na disputa nacional, a diretoria trabalha pelo retorno do atacante Bruno e da renovação do empréstimo do volante Ferreira, assim também como do contrato do técnico Ederson Araújo.

No Campinense, segundo o diretor de futebol, Phelipe Cordeiro, todo o recurso recebido pela CBF foi utilizado para finalizar as pendências salariais de fevereiro e março. Segundo ele, os contratos da comissão técnica e jogadores estão paralisados por dois meses. Na semana passada, o clube encerrou o contrato com o atacante Rhuann, mas de acordo com o dirigente não há previsão para saída de mais nenhum atleta e já existe acerto para que um novo camisa 10 chegue ao rubro-negro, além de novas contratações.

"Todo o recurso foi utilizado e fechamos os débitos existentes. Nesse momento, os contratos estão paralisados e nós estamos aguardando o cenário para definir a programação dos próximos meses. Como todos os atletas remanescentes possuem contrato até o fim da Série D, não devemos ter novas rescisões, além disso, estamos trabalhando por novas contratações, entre elas um volante e já acertamos com um novo camisa 10 que será apresentado ao elenco quando retornarem os treinos", explicou Cordeiro.

O CSP é o ponto fora da curva na equação que envolve dispensas e não renovações contratuais em meio à pandemia do novo coronavírus. O clube é o único sem vaga para as competições nacionais e que manteve o elenco nesse período, tendo na última quinzena renovado com sete atletas. Contudo, não há mágica ou fórmula especial no "Tigre" de João Pessoa e o que diferencia a ação do CSP para os demais é o propósito do clube e a sua forma de gestão. Com um perfil voltado para a formação e comercialização de atletas, grande parte dos jogadores que forma o elenco são jovens que são vinculados à Josivaldo Alves, presidente e treinador do clube.

Foto: Ascom/Treze

O Treze é um dos representantes da Paraíba no Campeonato Brasileiro da Série C de 2020

Agrotóxicos

Mesmo durante a quarentena, o Governo Federal continua a aprovar novos agrotóxicos para serem vendidos no mercado brasileiro. Página 15

Pandemias: a natureza reage à degradação

Especialistas alertam: se o homem não parar de agredir o meio ambiente, doenças cada vez mais letais irão aparecer

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

O que as pandemias como a covid-19 têm a ver com a degradação do meio ambiente? Segundo especialistas, essa relação é bem mais próxima do que se imagina. "A destruição do nosso planeta está afetando a nossa sobrevivência!", alerta a professora doutora Weruska Brasileiro, chefe do Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

A professora refere-se a surtos de doenças cada vez mais graves que podem atingir fortemente a humanidade. Segundo ela, o desenvolvimento econômico desenfreado que acelera a exploração dos recursos naturais, a urbanização, a agricultura intensiva, o desmatamento das florestas contribuem para que muitos animais silvestres percam seus habitats naturais.

E assim, essas espécies passam a competir espaços com outros tipos de animais que não são hospedeiros naturais de patógenos (micro-organismo causador de doenças) presentes nos animais silvestres. Essa interação incomum gera diversos tipos de zoonoses, que é a infecção causada em humanos por animais. "Um exemplo clássico é o morcego, que é o possível hospedeiro do novo coronavírus, entre outros vírus". Se por um lado, esses patógenos não causam doenças aos animais silvestres, por outro, trazem inúmeros prejuízos à saúde do homem e a de outros animais não silvestres, como ocorre com a covid-19. "O ser humano não tem um sistema imunológico capaz de vencer o coronavírus, que provoca infecções difíceis para o organismo se recuperar", destacou.

Equilíbrio

No momento que ocorre a degradação do meio ambiente por uma ação antrópica (causada pelo homem), isso irá quebrar o equilíbrio dos ecossistemas. A natureza, por sua vez, responde com consequências diretas à nossa civilização. "Não se pode pensar que iremos degradar o potencial natural do planeta e a natureza não irá responder. Infelizmente, as respostas são devastadoras, como é o caso do que estamos vivendo no atual momento em virtude da pandemia!", salientou.

Efeitos do tráfico de animais

Os pesquisadores ainda não chegaram à conclusão sobre qual animal transmitiu o novo coronavírus aos humanos. As pesquisas mais fortes mostram que os morcegos seriam os portadores do vírus. Porém, esse coronavírus encontrado nos morcegos precisaria de um hospedeiro intermediário antes de apresentar a mutação necessária para infectar o homem. Um forte candidato a ser esse hospedeiro intermediário seria o pangolim, pequeno mamífero asiático, considerado o animal mais traficado do mundo.

Sustentabilidade é a palavra-chave

Para as ações de desenvolvimento dos países conviverem em harmonia com a natureza, os seres humanos devem respeitar o tripé: economia, sociedade e meio ambiente. A palavra-chave segundo a chefe do Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental da UEPB, professora Weruska Brasileiro, é sustentabilidade, uma velha conhecida dos poderes público e privado, mas muitas vezes ignorada.

A professora explica que, no momento atual de pandemia, o mundo presencia uma verdadeira "guerra" na compra de respiradores para socorrer os doentes graves de covid-19 e a construção de hospitais de campanha para atender os milhares de infectados.

"Mas, essas ações não irão cessar as pandemias. É preciso que a sociedade como um todo cobre incansavelmente dos órgãos públicos e empresas privadas a conservação do meio ambiente. É necessário evitar a destruição dos habitats, a diminuição da biodiversidade. Precisamos reaprender a viver sem agredir a natureza, a nos desenvolvermos com a natureza. A pandemia é um grande alerta para a sociedade. Se não atingirmos o desenvolvimento sustentável, estaremos cada vez mais propícios às diversas pandemias", reforçou. A professora ressalta que só existe um lugar onde a população mundial pode morar, a Terra. E que infelizmente o consumo do capital natural corresponde atualmente a cerca de um planeta e meio, o que provoca a exaustão dos recursos naturais e a diminuição das diversas espécies. Essa exploração exagerada gera caos no meio ambiente. "Precisamos consumir de forma sustentável e cobrar, das autoridades, políticas públicas que garantam a preservação do meio ambiente". A professora declara que a sociedade brasileira assiste de forma passiva ao desmatamento das florestas e que, num futuro não tão longínquo, seremos tragicamente cobrados por aceitarmos um total descontrole na preservação ambiental.

Alertas de pesquisadores

"O novo coronavírus é, talvez, o maior alerta para o ser humano sobre a degradação ambiental. A maneira como estamos interagindo com a natureza leva a uma disseminação pandêmica dos patógenos que nos mostra o quanto as ações antrópicas podem causar a morte de milhões de pessoas rapidamente"
Weruska Brasileiro, chefe do Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

"O consumo que caracteriza o sistema capitalista só tem sido possível através da exaustão dos recursos, e durante estes dias de confinamento alguns sistemas têm se recuperado"
Francisco de Assis da Silva, conhecido como Mandela, biólogo e ecólogo, mestre em Desenvolvimento Ambiental, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

"As diversas formas de degradação do meio ambiente, seguramente, afetam a saúde humana, o funcionamento dos ecossistemas, reduzem a biodiversidade, comprometem os recursos naturais e são causas efetivas de doenças"
Cidoval Morais de Sousa, professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), doutor em Geociências pela Unicamp, co m pós-doutorado em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Continua na página 14

Foto: Fotos Públicas

O desmatamento é um dos maiores causadores do desequilíbrio do ecossistema, provocando a proliferação de vírus provenientes de animais

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Em 69: última bandeira do pacifismo

Aproveitei a última noitemadrugada de insônia para, em vídeo, rever o documentário "Woodstock", de Michael Wadleigh.

A Feira de Música e Artes de Woodstock (seu nome oficial) foi aberta pela negritude de Richie Havens e seu som acústico. Era o anúncio para, no terceiro dia, Jimi Hendrix e o delirante som elétrico de seu "Experience". Foi sintomático, naqueles dias de Vietnam, o desempenho de Hendrix estraçalhando na guitarra o hino dos Estados Unidos. Foi uma cena que fica como uma das mais significativas do século 20.

Me deu mais saudade nesta metade de maio rever naquela fazenda de Max Yasgur, no Estado de Nova York, cantando e tocando diante de mais de 450 mil jovens, gente como Stephen Stills, Country Joe, John Sebastian, Joan Baez, Ten Years After... E chorei, aqui no quarto-ateliê em Cruz das Armas, com Joe Cocker **(foto)** poderoso em "With a little help from my friends".

■■■■■■■■■■

Fica descompassado perceber que

Woodstock aconteceu há 51 anos, quando, apesar de três dias inteiros juntos, os milhares de jovens conviveram em paz. Não aconteceram mais incidentes do que três mortes (uma por "overdose", um jovem atropelado por um trator e uma crise de apendicite), dois partos e nenhuma briga.

Revi o documentário e fiquei até o meio-dia de quinta-feira passada com nostalgia parecida com a tão repisada nos personagens de Camus: a de que Woodstock foi a última bandeira do movimento pacifista da geração dos anos 1960. Pacifismo que - em dias de Bolsonaro, Trump, Maduro, Putin e aquele maluco norte-coreano - não tem espaço.

Peguei discos ao redor e senti que a última canção com o tom daquilo tudo ainda é a versão que, em 1979, Gilberto Gil fez para "No woman no cry": "Bem que me lembro da gente sentado ali...".

Hoje fico entre perplexo e triste quando vejo o rebolado de Anitta apresentada como "a bomba brasileira". Também quando vejo que a juventude de hoje mal sabe, ou nada sabe, de Woodstock. De qualquer maneira, não somos vencidos. Woodstock, forever.

■■■■■■■■■■

Uma "amenidade pop": um ano antes do surgimento do Aerosmith, seu vocalista, Steven Tyler entrou de penetra no Festival de Woodstock com dois integrantes de sua primeira banda. Ele disse aos seguranças que eram o grupo britânico Ten Years After. Para tanto, o cantor usou o sotaque inglês que aprendeu ao fingir ser irmão de Mick Jagger.

Geléia geral

■■■ Respeito muito o saudoso Chico Science **(foto)**, um dos melhores intérpretes e autores da música pernambucana. Mas anteontem me decepcionei com um video ele cantando "Maracatu atômico". Um verdadeiro homicídio musical.

■■■ **Aqui, ao lado do meu teclado Mymax e de outros apetrechos carl'aranhescos, uma reprodução de Raul Seixas com a legenda: "...Longe das cercas embandeiradas que separam quintais, no cume calmo do meu olho que vê e assenta a sombra sonora de um disco voador". Toca Raul!**

■■■ Como fotógrafo, Manuel Clemente é um dos nomes mais expressivos no documentário cinematográfico do Nordeste.

■■■ **Cada dia que passa a gente constata, com perplexidade, que diploma universitário já não garante o futuro de ninguém. É triste: o Brasil em diluição.**

■■■ Esperemos pelos argonautas do infinito.

■■■ **Belchior, Zé Ramalho, Raul Seixas: todos poetas putos.**

"A covid-19 é uma tragédia anunciada", afirma cientista

Somente com pesquisa, confiança e solidariedade global, a humanidade poderá evitar ou vencer próximos surtos

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

"A pandemia da covid-19 pelo novo coronavírus (SARS--CoV-2) tem se apresentado como um dos maiores desafios sanitários em escala global deste século. E se há um consenso na comunidade científica hoje é que a covid-19, longe de ter sido criada em laboratório, é uma tragédia anunciada: consequência da ação devastadora da ação do homem sobre o meio ambiente". O alerta é de Cidoval Morais de Sousa, professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), doutor em Geociências pela Unicamp, com pós-doutorado em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Após enumerar as causas dos próximos prováveis surtos, o professor afirma que os efeitos dessas doenças podem ser, pelo menos, minimizados. Ao citar as ideias de Yuval Noah Harari, um dos grandes pensadores da contemporaneidade, Cidoval de Sousa afirma que, para derrotar as pandemias, as pessoas precisam confiar nos especialistas, na ciência, nas autoridades públicas, uns nos outros. "Sem confiança e solidariedade global, não seremos capazes de parar o coronavírus, e, provavelmente, veremos mais pandemias como essa no futuro".

Segundo ele, o coronavírus talvez seja o primeiro sinal claro e incontestável de que a degradação ambiental pode matar os humanos com rapidez. "A destruição dos habitats é a causa: transformar floresta em agricultura sem entender o impacto que causa no clima, na concentração de carbono, na deflagração de doenças e de inundações é um grande risco. Não se pode transformar a natureza sem pensar no que ela causa nos humanos".

Dados

O professor afirma que dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) mostram que no período de um ano (2018-2019) o desmatamento da Amazônia Legal foi estimado em 9.762 km², um aumento de quase 30% em relação ao período anterior. Os números apontam uma realidade trágica bem no meio do Nordeste: a degradação de quase 50% do nosso bioma Caatinga.

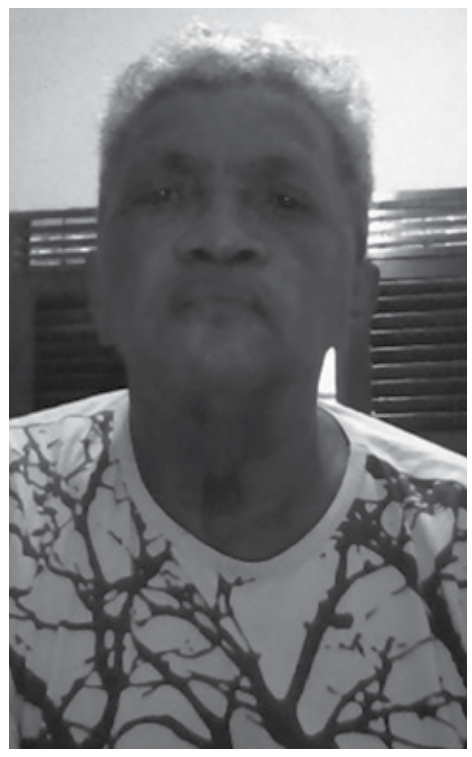
> Transformar floresta em agricultura sem entender os impactos é um grande risco. Não se pode transformar a natureza sem pensar nas consequências

ERROS COMETIDOS PELA HUMANIDADE E SEUS EFEITOS

O pior, porém, pode estar por vir. Segundo ele, há pelo menos cinco fatores que podem tornar inevitáveis e mais graves as próximas pandemias:

- 1. O agravamento dos processos de degradação ambiental (o isolamento social mostrou ganhos em relação a esse fator);
- 2. A cultura do desperdício, de consumo exacerbado.
- 3. A ampliação das desigualdades e o agravamento da precarização das condições de vida nas cidades;
- 4. O uso intensivo de produtos químicos e o consequentemente envenenamento gradual da população;
- 5. E, talvez, o mais grave de todos: a resistência dos patógenos (vírus, bactérias, fungos, protozoários) aos produtos químicos, medicamentos e vacinas que esse modelo químico e biomédico disseminou.

Fotos: Arquivos pessoais



Os pesquisadores Weruska Brasileiro, Francisco de Assis e Cidoval Morais alertam para a necessidade de preservação da natureza para a sobrevivência humana

Pandemia pode deixar lições importantes

O biólogo e ecólogo Francisco de Assis da Silva, conhecido como Mandela, mestre em Desenvolvimento Ambiental pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), afirma que atos humanos produzem consequência graves para a humanidade e a situação de pandemia que o planeta vivencia não é uma novidade para o mundo e, sim, mais um episódio na história.

Foi assim com a epidemia da peste bubônica que assolou a Europa medieval e com as infecções trazidas pelos colonizadores aos indígenas brasileiros. Segundo ele, ambos os surtos foram produtos das relações entre o homem e a natureza.

Mandela explica que essas duas experiências citadas produziram doenças infectocontagiosas para as quais as vítimas não tinham seus sistemas imunológicos preparados e assim resultaram na morte de milhares de pessoas. Citando casos mais recentes, ele lembrou de novos micro-organismos que causaram surtos de doenças no planeta, como a SARS (Síndrome Respiratória Aguda Grave), na China, em 2002, e o H1N1, em 2009, no México que, apesar do contágio ser em menor proporção do que a covid-19, mataram milhares de pessoas.

O biólogo também alerta que a degradação ambiental traz uma aproximação perigosa entre os animais que tiveram de sair de seus habitats naturais e se dirigirem aos centros urbanos em busca de alimentos e abrigo, favorecendo o surgimento de doenças.

No caso da covid-19, apesar das tristes estatísticas das pessoas infectadas e mortas, o ritmo desacelerado visto nas cidades e a mudança de comportamento das pessoas devido ao isolamento social, têm gerado efeitos positivos ao planeta. Alguns exemplos são a redução da poluição do ar e da queima de combustíveis fósseis.

Para Mandela, é possível evoluir e aprender com as pandemias. "Cada ser humano percebe a realidade de forma diferente. Para alguns indivíduos, a situação atual não vai ensinar absolutamente nada. Porém, os seres humanos com algum nível de consciência podem ver como o mundo precisa de um descanso. Tem sido possível diminuir os níveis de contaminação e a qualidade do ar tem melhorado, sendo totalmente perceptíveis em algumas cidades", afirmou.

De acordo com ele, para que haja preservação, é preciso ocorrer a adoção massiva de novas posturas por parte da humanidade. Porém, o biólogo questiona como será possível essa mudança de atitude se existem pessoas que nem sequer acreditam na existência do novo coronavírus e na necessidade de realizar quarentena. "Não tenho certeza se alguma coisa vai mudar, pois muitas pessoas têm tanta certeza das suas opiniões que não outorgam espaço para novos conhecimentos e ideias. Provavelmente, autoridades irão ficar mais atentas a possíveis regiões ou locais, de venda inadequada de animais, que possuem, um risco de transmissão de doenças infecciosas", considerou.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

O dia em que seguimos a estrela

Deu-se no dia 9 de maio de 1981 na cidadezinha Itabaiana do Norte. No mês anterior, duas bombas explodiram em um carro no Pavilhão Riocentro, no Rio de Janeiro. Seria o último ato de terrorismo de Estado cometido pela ditadura. O Presidente General João Figueiredo ameaçou prender e arrebentar quem sabotasse a democracia arquitetada pelos militares depois de dezessete anos de regime ditatorial. Eu e mais uns três ou quatro gatos pingados, acanhados e temerosos, mas esperançosos, criamos o Partido dos Trabalhadores em Itabaiana. Na época, falar em partido de esquerda já era uma temeridade, imagine fundar um. A ata foi assinada pelo juiz eleitoral Reginaldo Antonio de Oliveira. Já lá se vão 39 anos!

Fui eleito presidente da junta provisória do Partido dos Trabalhadores. O secretário atendia pelo nome de Joacir Avelino e o tesoureiro Roberto Palhano, que viria a ser nosso primeiro e único candidato a prefeito da cidade pelo PT, obtendo 268 votos. Éramos artistas amadores e acreditávamos que a arte tinha esse caráter pedagógico e libertador e que todo criador teria a missão de se comprometer com as causas e transformações políticas da sociedade. Fui autor de uma peça teatral intitulada "O camponês a caminho do calvário", censurada até pelo bispo D. José Maria Pires.

Atentado no Riocentro, no Rio de Janeiro, em 1981

Lembro que, para obter o número de assinaturas de filiados a fim de registrar o partido, apelamos para os amigos em mesas de bar, as meninas dos cabarés, familiares e namoradas. Minha namorada assinou a ficha nº 1 e veio a sofrer vicissitudes no meio familiar e pressão da mandona política da cidade.

Já naquela época a gente operava em sistema de rede, mas era rede de pescar piaba no Rio Paraíba e comer com cachaça nas reuniões do partido. Intentou-se até na formação do sindicato das profissionais do sexo e afins, sendo esse "afins" dignamente representado por Nega Tonha, uma travesti do cabaré de Topada. O debate político era feito no palco do grupo teatral, no oitão da igreja, na beira do rio e nos lupanares. Não fizemos a revolução, mas mexemos um tantinho assim no quadro geral da estrutura política e da realidade social. Depois o partido caiu na decadência ideológica e caímos fora. Continuamos anti-imperialistas, antiglobalização, anticapitalismo selvagem, antifascismo e libertários. Uns mais, outros menos. Muitos caminhos conduzem à decrepitude, à velhice. Alguns se perderam na evasão de si, no medo do diferente, no exílio em ilhas, no chamado do consumismo, na insolidariedade. Dos meus antigos companheiros, tem deles que contraíram a humanofobia e hoje defendem bandeiras ridículas de extrema direita.

De qualquer forma, o Partido dos Trabalhadores balançou as mentes de alguns rapazes de minha época numa cidadezinha do interior, na conjuntura política do país dominado por uma ditadura em agonia. Teve seu momento de significação. Esta ata será entregue ao meu compadre Renilson Bezerra, Presidente atual do partido, de forma que nossa história remota ajude a captar as lições do presente, mantendo o sonho, apreendendo as incertezas sobre nosso futuro, a grande incógnita política e social da direita radical no poder.

Em meio à pandemia, 118 agrotóxicos são aprovados

Número de novos registros liberados pelo governo no período de isolamento social é maior do que no ano passado

Pedro Grigori
Agência Pública

Fotos: Pixabay

Segundo o governo, as atividades de suporte e disponibilização dos insumos necessários à cadeia produtiva, que incluem os defensivos agrícolas, são consideradas essenciais

Mesmo durante a quarentena, o Governo Federal continua a aprovar novos agrotóxicos para serem vendidos no mercado brasileiro. Desde março deste ano foram publicados o registro de 118 novos produtos, sendo 84 destinados para agricultores e 34 para a indústria. No mesmo período, as empresas produtoras de pesticidas solicitaram ao Ministério da Agricultura a liberação de mais 216 produtos, que estão sendo avaliados agora pelo governo.

O número de aprovações foi maior do que o ocorrido no mesmo período de 2019, quando 80 produtos agrotóxicos tiveram o registro publicado entre março e abril. O ano passado conquistou recorde histórico de aprovações de agrotóxico, com 475 novos produtos sendo liberados.

E 2020 segue o mesmo passo, com um total de 150 produtos recebendo registro desde o começo do ano.

O processo de avaliação não será interrompido durante o enfrentamento à pandemia do covid-19. De acordo com a Medida Provisória 926 e o Decreto 10.282, ambas de 20 de março, a prevenção, controle e erradicação de pragas e doenças, bem como as atividades de suporte e disponibilização dos insumos necessários à cadeia produtiva, que incluem os defensivos agrícolas, são consideradas atividades essenciais durante a pandemia e não devem ser interrompidas.

Procurado, o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg), que representa o setor, ressaltou que número de registros de defensivos agrícolas se mantém na mesma média de 2019 e que as atividades do setor foram consideradas pelo governo como essenciais no período de quarentena.

Já a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida criticou as liberações. "Em meio à pandemia de coronavírus, confusão generalizada no Governo Federal, caos na saúde pública e colapso econômico, o Ministério da Agricultura segue a marcha do veneno", informou o projeto.

Dependente de exportações, o setor agrícola não tem sido afetado pela crise decorrente do covid-19. O PIB (Produto Interno Bruto) do agronegócio cresceu 2,42% em janeiro e fevereiro, segundo uma pesquisa da USP (Universidade de São Paulo) e a CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil.

Produtos banidos em outros países continuam recebendo permissões

Apenas duas substâncias inéditas estão entre os 128 aprovados neste ano. São dois produtos biológicos, utilizados principalmente na agricultura orgânica. Um deles é o Vigga, produto da Omex Agriuids feito à base de extrato de alho, indicado para culturas de soja e tomate. O outro é um produto da empresa Promip, feito à base de do ácaro Amblyseius tamatavensis e liberado para ser utilizado em plantações que são alvos biológicos da mosca branca.

Além deles, foram aprovadas novas versões de agrotóxicos populares e bastante polêmicos. Um deles é o Fipronil, um inseticida relacionado com a morte de mais de 500 milhões de abelhas no ano passado. Foram aprovados 10 registros desse produto, a maioria para a empresa brasileira Allier, com seis permissões. O Fipronil age nas células nervosas dos insetos e, além de utilizado contra pragas em culturas como maçã, soja e girassol, é usado até mesmo em coleiras antipulgas de animais domésticos. Pelo prejuízo aos insetos, a substância é banida em parte da União Europeia e está em reavaliação nos Estados Unidos. Na França, está proibida desde 2004 após cerca de 40% dos insetos criados nos apiários franceses aparecerem mortos.

Foi aprovado também um inseticida Clorpirifós, pela companhia chinesa Adama. O produto é bastante popular no Brasil, vendendo 6.500 toneladas em 2017, de acordo com o Ibama, mas está saindo do mercado em outros países. O motivo é a relação do uso do produto com à má formação no cérebro de bebês, podendo causar inclusive redução de QI. Tanto nos Estados Unidos quanto na União Europeia o produto foi banido recentemente e sairá do mercado até julho deste ano.

A multinacional Syngenta e a empresa chinesa Pilarquim garantiram um registro cada do fungicida Clorotalonil, banido pela União Europeia no ano passado e em reavaliação nos Estados Unidos após estudos, como o publicado em 2019 pela Autoridade Europeia para a Segurança dos Alimentos (European Food Safety Authority (EFSA), relacionarem o produto com danos no DNA humano, e impactos de alto risco para anfíbios, peixes e abelhas.

Tanto o Clorpirifós quanto o Clorotalonil aparecem entre as substâncias que a Anvisa pretende reavaliar nos próximos anos para decidir se serão proibidos ou não. O Clorpirifós devido a neurotoxicidade para o desenvolvimento, e o Clorotalonil devido a carcinogenicidade, segundo informações do site da agência. Não existe um prazo definido para os estudos serem concluídos. Produtos à base de Clorpirifós e Clorotalonil são usados em culturas de amendoim, feijão, batata, café, algodão, trigo e outras.

Este ano, foram aprovadas novas versões de agrotóxicos populares e bastante polêmicos para a agricultura

Quem são as empresas

Os titulares dos registros emitidos em 2020 são 53 empresas de 11 países diferentes. A maioria são brasileiras - 27 companhias receberam 76 permissões, sendo a AllierBrasil a principal, com 15 novos produtos no portfólio. Após ela, o segundo lugar fica a empresa norte-americana Dow AgroSciences (agora conhecida como Corteva Agriscience), com 11 registros. No ano passado a maioria dos registros ficou com empresas estrangeiras; apenas 40% das permissões foram para grupos nacionais. A maior beneficiada foi a chinesa Adama, com 41 produtos. Neste ano, a empresa é a oitava com mais registros, com 6. Além dela, a Rainbow Defensivos Agrícolas e a Tide do Brasil são algumas das empresas chinesas a garantir registros. O mercado chinês de insumos agrícolas está entre os que mais cresce no mundo. Foram 25 registros neste ano e 87 no ano passado. Nos dois anos, a China foi o segundo país que mais recebeu permissão de comercialização no mercado brasileiro, atrás apenas do próprio Brasil.

Em julho do ano passado, uma alteração no Marco Regulatório da Anvisa decidiu que agora só receberão a classificação de toxicidade máxima os agrotóxicos que causarem morte ,horas depois do indivíduo tocar no produto ou o ingerir.

Com isso, apenas seis produtos foram classificados como extremamente ou altamente tóxico em 2020. No ano passado, esse número foi de 162, cerca de 32% do total.

Política para pesquisa exclui Ciências Humanas e Sociais

Comunidade acadêmica denuncia que programa do Governo Federal é uma estratégia de ataque às universidades

Márcia Dementshuk
Especial para A União

Foto: Divulgação

Para o professor da UFPB, Marco Antônio Júnior, as sucessivas decisões do Governo Federal desestabilizam a autonomia acadêmica e barram o avanço da pesquisa científica

Nessa semana foi lançada chamada pública para a distribuição de 26 mil bolsas de iniciação científica para estudantes de graduação universitária. É o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, executado pelo CNPq. Serão investidos R$ 124,8 milhões para bolsas de R$ 400,00 mensais beneficiando o estudante que estará interagindo com doutores e mestres em pesquisas relevantes para a sociedade. Contudo, a comunidade acadêmica denuncia que o formato atual do PIBIC revela uma estratégia de ataque às universidades públicas e à pesquisa, especialmente nas áreas das Ciências Humanas e Sociais.

À primeira vista, é difícil entender o que está por trás de uma nobre ação de distribuição de bolsas de estudos para estudantes de graduação. Prestando mais atenção aos fatos, Marco Antônio Mitidiero Júnior, professor da Universidade Federal da Paraíba e presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege), aponta sucessivas decisões do Governo Federal que desestabilizam a autonomia acadêmica e barram o avanço da pesquisa científica.

O mais comum é o "fazer e o desfazer", o que parece ser uma das estratégias preferidas do Governo Federal ao definir as políticas públicas para a Ciência e Tecnologia. "Desde o começo do atual governo há um 'vai e volta' nos direcionamentos, o que confunde qualquer gestor de universidade ou coordenador de projeto de pesquisa. Deixa complexo o acompanhamento da política para a ciência no Brasil".

Em março deste ano, continua Marco Antônio, "o MCTIC entrou no embate com associações científicas a respeito do que eles [o MCTIC] determinaram como sendo áreas prioritárias para o Ministério. Na primeira Portaria que determina isso, (MCTIC Nº 1.122, de 19.03.2020) as humanidades não apareciam. Foi a organização das associações científicas, representações de grupos de pesquisa que pressionaram o ministro Marcos Pontes o que levou-o a editar uma nova portaria (MCTIC Nº 1.329, 27.03.2020) na qual acrescenta as humanidades lá no final e de forma lacônica, de que as humanidades também seriam áreas prioritárias."

Inicialmente, o para o MCTIC, prioridade são "os projetos de pesquisa, desenvolvimento e inovações voltados para as áreas de Tecnologias" - e subdivide em Estratégicas, Habilitadoras, de Produção e para o Desenvolvimento sustentável; nos setores espacial, nuclear, cibernética e segurança pública e de fronteiras. Todas inseridas na grande área das Ciências Exatas e da Natureza.

Na segunda Portaria estão incluídos: "os projetos de pesquisa básica, humanidades e ciências sociais que contribuam para o desenvolvimento das áreas definidas nos incisos I a V" (grifo da reportagem), incisos estes que se referem às tecnologias. Ou seja, a pesquisa na área das humanidades só serve se estiver relacionada com temas da tecnologia. Ainda assim, em live veiculada pelo Youtube na última terça-feira, o ministro Marcos Pontes, o presidente do CNPq, Edvaldo Vilela e o secretário de Pesquisa do MCTIC Marcelo Morales insistem afirmando que "todas as áreas serão contempladas: o projeto tem que ser bom".

Para a formulação desta edição do PIBIC, primeiro foram retiradas as humanidades; depois da pressão social o governo amenizou a normativa, reinseriu as Ciências Humanas na relação de prioridades, mas com efeito enfraquecido. Marco Antônio complementa: "Ou seja, as humanidades, provavelmente, estarão retiradas das seleções de projetos contemplados, haverá uma redução de bolsas drástica para essa área a partir do meio desse ano", quando termina o prazo de resposta à chamada e inicia a aplicação do programa: "a história julgará".

"Está tudo muito confuso, mas nós temos um norte: nós estamos assistindo, e, portanto, lutando contra à destruição da ciência brasileira", lamenta Marco Antônio.

PIBIC é fundamental para a formação de pesquisadores

Do ponto de vista da ciência brasileira, o PIBIC é fundamental para a formação de pesquisadores. É a gênese de pesquisadores brasileiros. Reduzir ou acabar com bolsas na área das Ciências Humanas no período em que o estudante se encontra na iniciação científica é destruir a pesquisa na raíz. É matar a semente de reflexões, de produção de conhecimento em todas a áreas.

Também é queixa recorrente entre os pesquisadores a falta de transparência na informação dos dados sobre as bolsas distribuídas durante o ano de 2020, comparadas ao que foi no ano passado.

Em outra Portaria (Capes Nº 34/09.03.2020), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, extinguiu a distribuição de bolsas gradualmente para cursos com avaliações mais baixas, até cursos com a avaliação máxima. Mas, até o momento, não publicou dados sobre como, de fato, se deu essa distribuição.

Para lançar uma luz e revelar as informações, a Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG) lançou uma campanha para monitoramento dos cortes dessas bolsas normatizadas pela Portaria 34. "A tarefa é compilar dados, escondidos e não divulgados pela Capes, diretamente e a partir dos Programas de Pós-Graduação. Caberá aos coordenadores de pós-graduação informar os cortes em plataforma lançada pela ANPG (https://bit.ly/Monitoramento-docortedeBolsasPortaria34)."

Será possível, assim, construir uma base de dados mais objetiva para mostrar que a ciência brasileira está sob ataque.

"O Governo Federal está em busca do totalitarismo"

Professor universitário há algumas décadas, o secretário-executivo da Ciência e Tecnologia do Estado da Paraíba Rubens Freire analisa e revela que há, sim, uma estratégia do Governo Federal para a Ciência e Tecnologia, embora os objetivos conduzam para longe da construção de uma democracia. - Por que atacar a ciência?

"Assistimos a uma marcha batida em direção da desobrigação do estado brasileiro no fomento ao desenvolvimento científico e tecnológico. A intenção dessa atitude é muito fácil de identificar: estabelecer e preservar a relação subalterna do Brasil no concerto das nações - notadamente, a subalternidade com relação aos Estados Unidos - e preservar o Brasil como um grande fornecedor de matéria-prima, bens de baixa complexidade e que não exigem aporte de conhecimento sofisticados para sua produção. Exemplificando: o maquinário usado para a extração e transporte de minérios - bens altamente sofisticados - não é produzido no Brasil; o mesmo ocorre com a produção de soja. Essa opção estratégica não necessita de desenvolvimento científico e tecnológico, mas não trará prosperidade para o País"

"As manifestações recentes do governo brasileiro demonstram a intenção de mudar de forma profunda as relações institucionais entre os Poderes constituídos, quebrando o equilíbrio necessário entre estes Poderes e assim comprometendo princípios basilares da democracia. A Presidência trabalha para a sua hipertrofia construindo o processo de enfrentamento público com os demais poderes da República."

"Uma das instituições fortes do Estado Moderno é a Universidade. No Brasil, as Universidades Públicas. Por serem geradoras de conhecimento e pela sua autonomia, representam um ponto de resistência a todo e qualquer regime autoritário. E é mais do que evidente que o Governo Federal tenta estabelecer o regime autoritário no Brasil e inicia o processo negando a importância das universidades - portanto, nega a importância do conhecimento científico."

"É sabido que a análise da natureza do Estado, das relações sociais, de poder, das estruturas políticas é feita no ambiente acadêmico das Ciências Humanas. Historicamente, ações de governos ditatoriais atacaram o pensamento elaborado no ambiente das ciências humanas (assim como perseguições políticas e queimas de livros). No Brasil vemos um processo mais sutil, através da proibição da indicação de leitura de certos livros nas escolas e do tratamento de certos temas em provas de concursos públicos como o Enem."

"Não encontrando resistência, essa estratégia caminha e culmina em ações, concretizadas nas Portarias, determinando procedimentos que levam à destruição do pensamento acadêmico. Inclusive, esse processo encontra-se nos livros, digamos que clássicos sobre o tema, como: 'Admirável Mundo Novo' (Aldus Huxley), '1984' (George Orwell) e 'Fahrenheit 451' (Ray Bradbury). O Executivo Federal está se espelhando nesse processo, em busca do totalitarismo, está construindo procedimentos bem escritos nessas obras ficcionais, mas inspiradas na realidade totalitarista que existia na época."

"Com o sofrimento causado pela pandemia, a sociedade tem entendido a importância da ciência. Contudo, isso pode ser perigoso de sofrer manipulação: qual é a ciência que é necessária? Diante da urgência médica e farmacêutica, esquece que a História é necessária, a Economia é necessária. É nesse contexto que a Portaria do MCTIC que define as prioridades é editada. O problema é que esse discurso, no ambiente que vivemos, é de fácil assimilação: a população precisa de medicamento, tratamento. Não vê sentido na filosofia, na sociologia, na psicologia... Aí é onde está o perigo."

Jório Machado

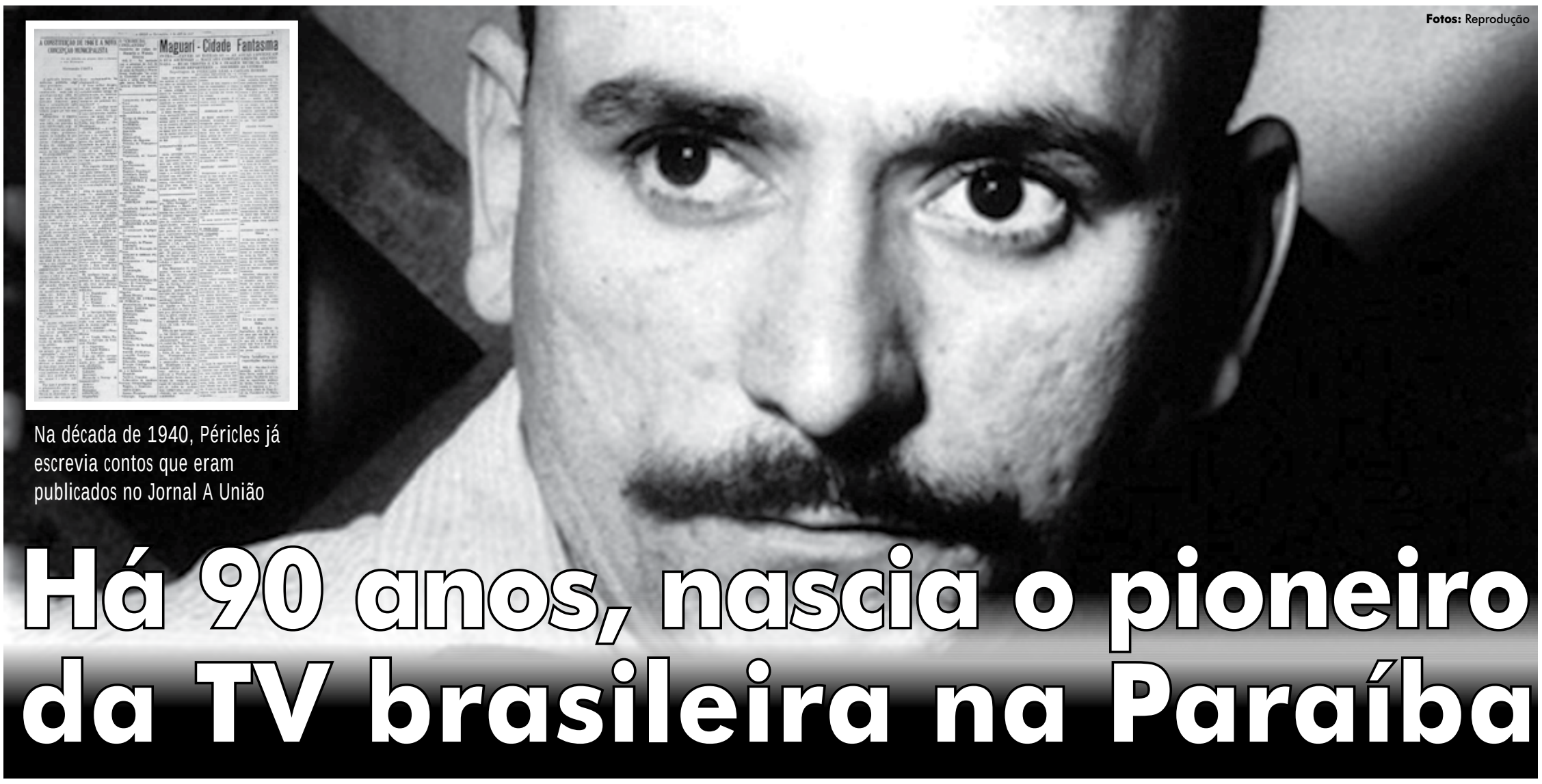
Mesmo perseguido pela Ditadura Militar no país, ele chegou a fundar um jornal, sendo considerado um dos principais nomes do jornalismo em nosso Estado. Página 18

Foto: Arquivo

Fotos: Reprodução

Maguari - Cidade Fantasma

Na década de 1940, Péricles já escrevia contos que eram publicados no Jornal A União



Há 90 anos, nascia o pioneiro da TV brasileira na Paraíba

Escritor, dramaturgo e novelista, Péricle Leal foi quem estabeleceu as bases da criação televisiva no país

Joao de Lima
Especial para A União
jdlg@uol.com.br

O jornalista, escritor, dramaturgo e novelista Pericles Leal nasceu em 14 de maio de 1930, no município paraibano de Alagoa Nova, a 139 km de João Pessoa. Por ser de uma família ligada à comunicação no Estado (o seu pai José Leal teve intensa participação na Associação Paraibana de Imprensa, instituição da qual foi fundador), desde os doze anos de idade já escrevia para suplementos literários da capital paraibana. Também enviava textos literários para diversas revistas culturais da época, no Rio de Janeiro, quando a literatura brasileira tinha um forte culto pelos nomes do romance regional, no século passado.

Péricles era filho do jornalista José Leal com Esther Romero Leal. Dessa união nasceram sete filhos: Romero, Helio, Achilles. Milcíades, Maria da Penha e Maria das Dores. Ainda jovem, adaptou Shakespeare (Romeu e Julieta), na Rádio Tabajara, e teve participação em pequenas encenações teatrais que ocorriam em João Pessoa. Também fez adaptações de diversos clássicos internacionais para a incipiente dramaturgia radiofônica paraibana e pernambucana, numa rica troca de conteúdos com artistas de Recife.

Até próximo dos dezoito anos vivenciava uma cidade que é bem diferente da grande João Pessoa de hoje, com carência em diversas profissões como a do irmão Achilles, sete anos mais moço, que se tornou fundador da Academia Paraibana de Medicina (cadeira nº 1). Porém, a marca de modernidade era forte na área da comunicação e da cultura, em especial pela existência do Jornal A União, onde publicou seus primeiros textos literários e reportagens impressas. Além disso, Péricles também foi colaborar na Revista Manaíra, que era mensal e colorida. Talentoso e extremamente inquieto, de acordo com o testemunho do seu colega de redação na época, o cronista Carlos Romero, participou intensamente de uma fase extremamente vigorosa do periodismo local; era o tempo do linotipo e da sineta que avisava na oficina que a composição de seus textos estava pronta. Péricles fez parte do que poderíamos chamar de "trepidante escola de jornalismo" que era A União, periódico do qual ele se tornou correspondente no Rio de Janeiro.

Para além das fronteiras

No Rio de janeiro, publicou "Noticias do Rio-Musical", encarando a cena lírica da cidade numa rara publicação hoje existente somente em sebos e bibliotecas especializadas. Foi repórter de publicações da área de entretenimento na época, especialmente rádio e teatro. Nos anos 60/70, publicou a trilogia dos caminhos (Caminhos da Danação, de 1966; Caminhos da Narragonia, de 1972; e Caminhos do Deserto, de 1975), por influentes editoras do país.

Mas seu grande talento de roteirista veio à baila com os especiais de televisão que começaram a aparecer no nascedouro dessa tecnologia no país, a partir de 1950, quando em 18 de setembro de 1950 inaugura Assis Chateubriand a TV Tupi de São Paulo. Desse dia inaugural, felizmente, ainda temos o testemunho vivo de Lolita Rodrigues e Lima Duarte.

Pelo menos em três ocasiões, esse jornalista que aqui escreve pôde conversar com Lima Duarte sobre essa fase inicial da televisão no país e ele demonstrou um entusiasmo a toda prova quando rememorou sua parceria artística com Pericles Leal. Contou Lima Duarte que por diversas vezes ele lhe presenteava com textos exclusivos, como o foi caso de "Os homens querem paz", encenando um imaginário que a Pericles era muito próximo pela vivência na Paraíba, inundada dos míticos heróis populares.

Inicialmente, a série foi encenada na Tupi (quando ainda não havia o video-tape), tendo Lima Duarte no papel principal, e depois na TV Globo, quando Paulo Betti fez o cangaceiro sedento de vingança num vilarejo em que a população estava amedrontada, sendo rodada no interior do Ceará, na cidade de Milagres, cenário de sua fictícia Soledade. Em "Sangue na terra", também com Lima Duarte, ambientou a ação na Serra da Borborema.

> Contou Lima Duarte que por diversas vezes ele lhe presenteava com textos exclusivos, como o foi caso de "Os homens querem paz"

+ Roteirista talentoso da teledramaturgia

Entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo, Pericles desenvolveu grande parte do seu talento de roteirista de filmes, séries televisivas e finalmente novelas. São dessa época, por exemplo, "Posto Avançado" (1955), com Lima Duarte mais uma vez numa fictícia cidade amazonense, onde a trama se desenrolava, e tinha o ator no papel principal. Por essa época, as novelas ainda não eram diárias, tinham apenas dois capítulos por semana. Escreveu também especiais para os programas "TV de Vanguarda" e "O Contador de histórias".

Além de vivenciar o nascedouro da televisão no país, Pericles Leal também passou a dirigir os cursos de formação dos quadros da televisão da rede Tupi, na condição de autor de inúmeros apontamentos, que eram publicados em colunas mensais pelo extinto Jornal de Letras, dos irmãos Condé, pernambucanos que mantiveram a publicação até meados dos anos setenta.

Essa experiência de redigir textos didáticos rendeu a Péricles a publicação, em 1964, do primeiro livro sobre televisão no país – "Iniciação à televisão" – outra raridade que só é possível adquirir em sebos especializados. Com a publicação, de forma pioneira, ele defendia que esse novo e luminoso meio chamado televisão deveria ser um escoadouro de obras de arte, defendendo a televisão como arte.

Acervo

Visitando a viúva do Pericles, Tatiana Leal, em fevereiro de 2005, na preparação de um documentário a ser exibido em cabeça de rede pela TV Cultura de São Paulo, em parceria com o professor e documentarista Manuel Clemente, pude ter acesso a grande parte da biblioteca de Pericles Leal, no seu escritório. E, principalmente, folheando livros de sua biblioteca, fotos, recortes de jornal e souvenirs que trazia de todos os países que visitava, especialmente no continente europeu, tivemos ideia da dimensão do trabalho do paraibano ao longo dos anos.

De modo prosaico, ao conhecer o último lar do paraibano na sua casa de campo de Itaipava, travei contato com suas iniciações em artes plásticas e tive acesso aos poucos scripts de uma época em que não havia registro visual das histórias levadas ao ar na televisão. Nem era comum a guarda de alguns textos de teatro, hoje raros também.

Criação de herói infanto-juvenil

O seriado mais famoso produzido por Péricles foi "Falcão Negro", que ganhou versão em vinil

No Rio de Janeiro e em São Paulo, a partir de 1957, escreveu o seriado mais famoso que produziu e roteirizou por quase uma década, o "Falcão Negro". Não havia video-tape, os scripts eram encenados no Rio de Janeiro e em São Paulo por dois atores diferentes, um em cada praça, durante praticamente uma década. Ainda é possível encontrar muitos fãs do herói infanto-juvenil, especialmente em canais de admiradores dos programas de televisão do século passado, ou mesmo fãs de canais de televisão existentes na plataforma online You Tube que difundem a memória das extintas Tupi, Excelcior e TV Paulista.

O Falcão Negro era ainda roteirizado para quadrinhos, pelo próprio Pericles, e tinha ilustradores de grande qualidade visual contratados pela editora Garimar, a partir de 1958, e por vinte quatro edições seguidas. Existia em forma de HQ mensal e seriado de televisão homônimo, que pegou carona no sucesso das plateias dos telespectadores.

A ação se passava na idade média e o herói tinha uma companheira chamada Lady Bela. Em HQ foram publicadas ainda, além das edições mensais, dois álbuns de fim de ano, e mais o álbum de figurinhas para colecionadores.

Havia também o disco de vinil com as histórias do herói, em uma sonoplastia que permite ao apreciador das aventuras do Falcão Negro entender como era o ambiente lúdico do herói de capa e espada, devidamente registrado no blog de Nilson Xavier.

Novelas e seriados

Além de consumir muito seu tempo de roteirista de televisão, Pericles foi autor da telenovela "As asas são para voar" e de "Tempo de Viver", colaborando ainda com "A cabana do Pai Tomás", grande sucesso na época de sua exibição e primeira na rede Bandeirantes.

Com o declínio da Tupi, Péricles foi para a TV Globo. Lá escreveu casos especiais e diversos episódios para os caminhoneiros Pedro e Bino, na primeira fase do seriado brasileiro "Carga Pesada". Ao lado de outro seriado "Malu Mulher", dividia a atenção dos espectadores por séries nacionais. Na última fase de trabalho na TV Globo, corrigia textos de roteiristas da casa de criação e fazia participação especial, roteirizando especiais e segmentos de novelas com temáticas voltadas ao imaginário do Nordeste.

Pericles faleceu em 1999, derrotado por um câncer que lhe consumiu vorazmente a saúde nos últimos seis meses de vida. O dramaturgo paraibano deixou uma viúva do segundo casamento, Tatiana Leal, atriz e radialista, além de duas filhas, que vivem atualmente em São Paulo (Adriana e Esther), além de netos.

Nos anos 60 e 70, criou a trilogia 'Caminhos', por influentes editoras do país

Acesse o QR Code acima para assistir a depoimentos de amigos e familiares

■ João de Lima Gomes é documentaristas, graduado em Jornalismo pela UFPB, instituição onde também é professor. Possui doutorado em Comunicação pela Usp. Um dos principais pesquisadores do acervo e da vida de Péricles Leal, ele aceitou, gentilmente, contribuir com essa edição do Caderno Almanaque. É dele e do também documentarista e professor da UFPB Manuel Clemente a direção do documentário "Pericles Leal, o criador esquecido", exibido pela TV Cultura para todo o Brasil.

Quem foi?

Sonho de liberdade e tempos de repressão

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Fotos: Arquivo

Mesmo com a repressão da Ditadura Militar nos calcanhares, o jornalista Jório de Lira Machado usou disfarce e arriscou voltar à sua casa – a esta altura vigiada por agentes do Exército – para visitar Cristiano, o filho recém-nascido. Saiu-se bem, embora mais tarde tenha sido preso e levado para Fernando de Noronha, onde passou três meses sendo torturado física e psicologicamente. As portas para ele se fecharam. Demitido dos empregos e impedido de ocupar um cargo no Departamento de Administração do Setor Público (DASP), após tirar o primeiro lugar em um concurso, abriu a gráfica-jornal O Momento, com a ajuda de amigos. Em sua extensa trajetória profissional, chegou a ser também superintendente do Jornal A União.

Advogado, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e procurador da Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), Jório era filho da professora Maria Anália de Lira Machado e do agente fiscal Antônio Guimarães Machado. Nasceu em Teixeira, no sertão paraibano, em 25 de janeiro de 1935. Logo cedo, optou por vencer na vida, em João Pessoa, trabalhando duro e estudando muito.

Aos 16 nos já frequentava as redações dos jornais O Norte e A União. Na capital paraibana, também passou pelo Correio da Paraíba. Fora da Paraíba, pertenceu aos quadros do Jornal do Brasil e da Revista Manchete. Destacou-se na profissão por seu espírito de combatividade, sobretudo diante das questões sociais do seu tempo. Fundador da gráfica e agência de propaganda Interplan, foi pioneiro no Nordeste na implantação do sistema off-set de impressão, no início da década de 70.

Avesso a censuras

Em 1974, fundou o jornal O Momento, que se transformou em um canal aberto de todas as correntes de pensamento, sem censura, policiamento, ou patrulhamento de qualquer ordem. Jório Machado ousou pregar a liberdade, em uma época em que o Brasil se tornara, ideologicamente, um país de mudos.

O Momento ganhou força e prestígio exatamente pela linha democrática que mantinha e por se transformar em uma trincheira de combate aos gestores corruptos, quando esses se locupletavam do dinheiro público descaradamente, aprofundando ainda mais as injustiças sociais da época.

"O Momento, que ele plantou, construiu e sustentou com muita coragem e destemor foi esse. Sem subserviência, ou subterfúgios, e com a verdade estampada em suas páginas, de forma irrefutável. Todas as denúncias vinham municiadas de provas documentais", lembra seu filho, o jornalista Cristiano Machado, que foi diretor administrativo do Jornal A União, durante o último governo de José Maranhão (2009-2010).

Cristiano machado ainda sublinha que, "ao longo de toda sua carreira profissional de cidadão e de homem público, ele [Jório Machado] se pautou assim, com decência, honradez, retidão, seriedade e, não por menos, sempre foi devidamente respeitado e sua memória ainda continua sendo alvo de felizes lembranças", diz.

> Em 1974, fundou o jornal O Momento, que se transformou em um canal aberto de todas as correntes de pensamento

Jório Machado: família, jornalismo e vida pública

Foto: Arquivo

Jório (esq.), senador Humberto Lucena (1928-1998) e governador Antônio Mariz (1937-1995) à direita

Atraído pela política, foi eleito deputado estadual em 1982, pelo PMDB, com quase 15 mil votos, dos quais 8 mil foram obtidos na Capital, em uma das mais memoráveis campanhas eleitorais. Sua votação representou, na época, 10% do eleitorado pessoense, um recorde até então inatingível.

O slogan de campanha eleitoral ("O Momento é agora") era muito sugestivo. Em 1984, ele se desfaz do jornal O Momento, não se reelegendo em 1986. Com a eleição do governador Tarcísio Burity, Jório é convidado para assumir a Superintendência do Jornal A União, promovendo razoável organização administrativa e financeira na empresa.

Dois anos depois, ele deixa o governo e retorna à iniciativa privada. Faz ressurgir o semanário O Combate, que já havia tido uma primeira existência efêmera, no início do século XX. O Combate passa, então, a funcionar no mesmo prédio onde ficava O Momento.

Além de deputado estadual, Jório foi secretário de Justiça e Cidadania, no governo de Antônio Mariz, e de Comunicação Institucional, no mandato de José Maranhão. Ele assumiu ainda os cargos de procurador da Assembleia Legislativa da Paraíba; professor dos departamentos de Comunicação Social e de Direito da UFPB.

Perseguição na ditadura

Quando o Golpe Militar de 1964 eclodiu, Jório Machado era jornalista do Correio da Paraíba. Ali mantinha uma coluna diária e exercia o que se chama de jornalismo investigativo. Ele não era filiado a nenhum partido político, mas via com simpatia as lutas contra as injustiças sociais, especialmente no campo, travadas pelo movimento das Ligas Camponesas, que tinha à frente o ex-deputado Assis Lemos, seu amigo.

O filho Cristiano Machado relata que seu pai Jório acompanhava algumas dessas ações das Ligas Camponesas na condição de jornalista e isso talvez o tenha transformado num alvo das forças mais reacionárias. Quando soube que estava sendo caçado pelos militares, passou um tempo escondido na casa de familiares. Antes de ser preso, teve tempo de visitar o terceiro filho que acabara de nascer (Cristiano, no dia 8 de abril de 1964), disfarçado com um casaco, um coturno e um chapéu. Passou alguns dias preso em João Pessoa antes de ser deportado para a ilha de Fernando Noronha.

"Sofreu torturas física e psicológica, sem que tivesse cometido qualquer crime que justificasse tamanha brutalidade", observa Cristiano. "Ao retornar da ilha, três meses depois, foi reorganizar a vida, já que havia sido demitido das empresas em que trabalhava e não pôde assumir o cargo de um concurso promovido pelo DASP, onde havia sido aprovado em primeiro lugar. Foi aí que montou a gráfica e tocou o barco. Mas, vez por outra, era importunado para prestar depoimentos no 15º RI [Regimento de Infantaria], em João Pessoa [hoje o 15º Batalhão de Infantaria Motorizada – BI Mtz]", afirma.

Família e amizades

Jório de Lira Machado faleceu no dia 21 de julho de 2003, aos 68 anos de idade. Sua morte ocorreu quase 30 dias após um acidente automobilístico, que sofreu perto de Santa Luzia, no Seridó Paraibano, a 248 quilômetros de João Pessoa. Na ocasião, retornava de uma visita a Teixeira e se dirigia à Capital.

Do primeiro casamento com a professora Cleide Xavier de Lira Machado, Jório Machado deixou três filho (o engenheiro civil Alexandre Machado; a advogada aposentada do Tribunal Regional do Trabalho, Larissa Machado; e o jornalista e bacharel em Direito Cristiano Machado).

Do segundo casamento com Elizabeth (Betinha) Gonçalves Silveira (recentemente falecida), Jório deixou o filho Jório Machado da Silveira, que é advogado e músico. Deixou também os netos Monique Machado (falecida), Natasha, Jório, Victor, Jéssica, Gabriel, Lucas e Igor. Não viveu a tempo de conhecer os bisnetos Pedro e Téo.

Como profissional respeitado, ele mantinha uma espécie de linha direta com os expoentes da política paraibana, a exemplo de José Américo, João Agripino, Pedro Gondim, Tarcísio Burity, Antônio Mariz e José Maranhão. Criou, assim, um vínculo de amizade e quase todos eles frequentaram sua casa por várias ocasiões.

"Todos eram homens públicos de respeito, que exerciam mandato popular como uma profissão de fé e, faziam política com dignidade", compara Cristiano. "Eram muito diferentes dos que surgiram de uns tempos para cá. Acho que isso fez prevalecer o respeito e admiração mútua entre eles", completou. Admiração especial mesmo ele nutria pelo ex-governador João Agripino Filho, criando um laço de amizade forte com toda família Mariz e Maia, até hoje preservada pelos sucessores.

"Foi o reconhecimento ao homem e ao líder que aprendi a admirar, desde os verdes anos da minha juventude. Suas posições de cidadão e político inspiraram-me a outorga da Medalha Epitácio Pessoa, a comenda mais importante da Paraíba a homens assim, da grandeza e estirpe de João Agripino Filho", justificou Jório, durante discurso pronunciado em uma solenidade da ALPB, em março de 2001.

RELATO DE UMA CAÇADA TENAZ ATÉ A PRISÃO NA ILHA DE FERNANDO DE NORONHA

No livro "1964: a opressão dos quartéis", Jório Machado escreve sobre a sua trajetória de preso político, desde a prisão em João Pessoa até sua prisão na ilha de Fernando de Noronha. Veja a seguir um resumo do relato cronológico feito por ele:

■ **1º de Abril de 1964 (um dia após a eclosão do golpe militar) –** Jório soube que estava sendo procurado e fugiu. Dormiu na casa do jornalista Gonzaga Rodrigues. Depois, saiu para a casa do jornalista José Ferreira Ramos e, de lá, abrigou-se na casa de seu primo, o coronel Clodoaldo Lira. Ainda se sentindo inseguro, posou na casa de uma prima Laura Lira. Todos que o ajudaram corriam riscos e moravam em João Pessoa.

■ **8 de abril de 1964 –** Jório andava nas ruas com os sentidos em alerta. Disfarçado, caminhou até a maternidade São Vicente de Paulo, em João Pessoa, para visitar o seu terceiro filho, recém-nascido. Era Cristiano, hoje advogado e jornalista. Ao entrar no hospital, topou de frente com o industrial Renato Ribeiro Coutinho, baluarte do Golpe Militar na Várzea da Paraíba. Não foi visto. Cumpriu sua missão paterna. Fugiu. Coincidentemente, este foi o dia em que o Comando Revolucionário havia baixado o AI-1, suspendendo, por seis meses, o direito constitucional da estabilidade e vitaliciedade.

■ **19 de abril de 1964 –** Mesmo mudando de esconderijo, foi preso em João Pessoa e conduzido para o quartel do 15º RI, em Cruz das Armas e, no dia seguinte, para a Base Aérea do Recife.

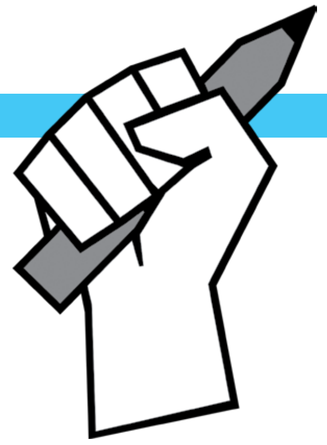
■ **20 de abril de 1964 (às 23h) –** O tenente Alves anuncia, na porta do xadrez: "Jório, Bento, Laurindo, Langstein e Luiz Hugo, se preparem que vão viajar". Junto com Jório, estavam presos Bento da Gama, Laurindo Marques, Langstein de Almeida e Luís Hugo Guimarães. Um boato a boca fechada deu conta que o destino deles seria Fernando de Noronha.

■ **21 de abril de 1964 (durante a madrugada) –** o quinteto foi colocado sob escolta em cima de uma viatura do Exército, que ganhou a estrada do Recife. Chegaram ao destino após cinco horas de percurso. O tenente Alves, ajudado por uma escolta do 15º RI e de outra da Base Aérea do Recife, embarcou os presos em um avião militar, com destino a Fernando de Noronha. Chegaram lá às 17 horas. O coronel Ibiapina, governador militar de Fernando de Noronha, já estava lá. Escolheu três dos cinco presos, para anunciá-los a seu modo. Com Jório, disse: "este é jornalista desaforado, mas vou amansá-lo no pau". A Langstein, falou: "este é assassino perigoso". Para Bento da Gama, afirmou: "e este é o comunista da Supra", se referindo à Superintendência Nacional da Reforma Agrária, órgão equivalente ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) atual. Ao desembarcar em Fernando de Noronha, uma ambulância já os esperava, dirigida por um capitão médico, que, certa vez, ao acordar Jório tarde da noite, para "um passeio", tentou amedrontá-lo, afirmando: "antigamente, alguns presos daqui iam para um calabouço secreto, onde havia um sumidouro para serem atirados aos tubarões". Três meses depois, antes de ser liberado de Fernando de Noronha, o coronel Ibiapina dirigiu-se a Jório e comentou: "se algum dia você sair daqui, lembre-se de mim".

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Liberdade de imprensa: no meio do caminho havia uma pedrada



Paulo Brandão foi assassinado em 13 de dezembro de 1984. Jornalista, advogado e empresário, o então diretor-presidente do Sistema Correio de Comunicação foi executado com mais de 30 tiros de metralhadora e pistola. O assassinato foi uma forma de intimidação do jornal Correio da Paraíba, extinto em abril deste ano. O crime ocorreu em uma quinta-feira e teve como motivação uma série de denúncias publicadas naquele impresso.

Quase 36 anos depois, o ex-senador e empresário paraibano Roberto Cavalcanti, atual proprietário do Sistema Correio de Comunicação, não apenas maculou sua biografia, mas também vilipendiou a memória de seu ex-sócio ao defender que jornalistas e radialistas que informam sobre o número de mortes causadas pela covid-19 fossem apedrejados. A irresponsável declaração ocorreu no 14 de maio, por ironia, também uma quinta-feira como a que viu o sangue de Paulo Brandão escorrer.

Estadão, UOL e Congresso em Foco foram alguns dos veículos de alcance nacional que repercutiram a infame sugestão de Cavalcanti. Sindicatos da categoria e associações de imprensa divulgaram notas de repúdio. O Conselho Estadual de Direitos Humanos da Paraíba também. Após a repercussão de sua verborragia, Roberto Cavalcanti recuou e pediu desculpas. Alega que se excedeu em seu "desabafo". Isso todos nós sabemos.

A pedrada de Roberto Cavalcanti contra a mídia foi lançada em um programa de rádio de seu grupo de comunicação. Talvez por medo de ser infectado com o coronavírus, o empresário evitou ir ao estúdio e participou do programa por telefone. Mais cedo, em Belo Horizonte-MG, pichações em tapumes também ameaçavam comunicadores: "mate um jornalista por dia", "jornalista bom é morto" e "colabore com a limpeza do Brasil: mate um jornalista".

São expressões de ódio e que encontram eco nas redes sociais e no apedrejamento pregado pelo ex-senador e imortal da Academia Paraibana de Letras ao criticar a cobertura sobre a pandemia. Talvez Roberto Cavalcanti tenha esquecido, mas incitar a violência contra jornalistas é atentar contra a democracia. Mais: é propor o retorno a punições da época do Antigo Testamento, período aliás muito retratado pela Record TV, a qual a emissora do grupo Correio é afiliada.

No livro "Lições sistematizadas de história do Direito", de Rodrigo Arnoni Scalquette, esse tipo de punição é explicada. "A lapidação não é outra coisa senão a morte por apedrejamento. Na maioria das vezes, lenta, dolorosa e cruel". Em países como Sudão, Brunei e Irã, a pena de lapidação faz vítimas até hoje. No Brasil, a Constituição Federal de 1988 veda a possibilidade de haver uma pena cruel, como o apedrejamento até a morte. Isso me leva a pensar que Roberto Cavalcanti ocupou uma cadeira no Senado, mas talvez nunca tenha lido direito nossa Carta Magna.

Desde o início da pandemia no Brasil, há vários relatos de jornalistas agredidos simplesmente por cumprirem seu papel de informar à sociedade. Registre-se: nenhum profissional deveria ser punido por falar a verdade. Infelizmente, isso também ocorreu aqui na Paraíba. Em 21 de abril passado, o repórter Plínio Almeida foi agredido durante uma transmissão ao vivo na orla de João Pessoa.

A estapafúrdia declaração do ex-senador paraibano, também empregador de dezenas de profissionais da comunicação, ratifica ações desse tipo e atiça ainda mais o ódio e o desprezo contra uma categoria essencial para a sociedade e para a democracia. Também se constitui em crime, pois infringe o Código Penal. Sim, ao utilizar o espaço de uma de suas rádios para propor o apedrejamento de uma categoria, o empresário incita a violência – aquela mesma violência que dá audiência aos seus programas de TV.

Em São Luís-MA, existe uma expressão bem curiosa: pedra de responsa. Aplica-se a algo "muito bom", como um adorável reggae, tão apreciado na ilha maravilha. Pois vou cantar uma pedra: bom mesmo seria se as autoridades competentes fizessem o seu papel nesse caso, para que haja respeito aos direitos humanos e à liberdade de imprensa. Para que os jornalistas possam exercer seu ofício de bem informar, de orientar e prestar serviços à comunidade sem correr riscos. Isso sim, seria uma pedra de responsa.

Dom Cardoso

escritoriocardoso@gmail.com

Noel deixou a medicina pelo samba, o ritmo de sua paixão

Noel Rosa deixou o Curso de Medicina pelo Samba. E gostava tanto desse ritmo que, das suas 160 composições, somente seis não foram sambas. Isto é a novidade que levo hoje, para meus leitores, aqueles que me induzem e estimulam a escrever sobre os ídolos da MPB. Noel merece ser novamente lembrado porque, maio, é o mês em que morreu. Aqui, ele conta do próprio punho, fases da sua vida profissional, que constam em poucas relíquias literárias, às quais poucos tiveram acesso. Vamos ver agora o que fala de si este grande ícone dos cantores-compositores brasileiros.

"Um belo dia, eu recebo convite para uma excursão ao sul do Brasil. Deveria ir com Francisco Alves, Mário Reis, Nonô e Peri Cunha. Aceitei. Lá fomos nós, cantando, semeando melodias, e sempre aclamados. Um ano antes estive em excursão nas cidades de Vitória (ES) e Santos (SP). A boa estrela da sorte acompanhava os meus passos. Assim é que, em todas as regiões percorridas, agradei sempre.

Depois de "Festa no céu" e "Minha Viola", iniciei uma fase de intensa atividade musical. Atividade, por assim dizer, ininterrupta. Era preciso desenvolver um trabalho que correspondesse à minha ânsia criadora. Mas o gênero para que me sentia inclinado era o samba e exprimindo-me através do samba. Basta dizer que, em 160 produções, só realizei três foxes, três canções e três emboladas. Tudo o mais é samba.

Mas o meu maior e definitivo sucesso foi obtido com "Com que roupa?", samba que impressionou bastante, como se verifica pela sua difusão, a sensibilidade do povo. "Com que roupa?" tem uma história interessante que vale a pena contar aqui, a título de curiosidade. Foi um caso que se passou comigo mesmo. Com Sangue de boêmio, eu passei a chegar em casa, em determinada época, a altas horas da noite. Vinha de festas, ou de serenatas, ou simples conversas. Mas o fato é que essa vida, passada toda em claro, devia prejudicar a minha saúde. Foi o que aconteceu.

Comecei a emagrecer. A emagrecer assustadoramente. Adquiri umas olheiras dramáticas. "Que é isso, Noel, paixão incubada?", perguntavam-me. Eu sorria. Mas quem mais se assustava era mamãe. Pressentiu, antes que ninguém, o meu estado. E dia a dia, renovava as suas advertências, os seus apelos, para que não me demorasse na rua tanto tempo, para que dormisse mais, que eu acabava doente. Eu prometia que sim. Mas a minha vontade era nula. E chegava, fatalmente, às mesmas horas com as mesmas olheiras e aquele emagrecimento progressivo, que estava alarmando todo mundo.

Mãe escondeu suas roupas

Desesperada de conseguir a minha obediência pelos recursos da persuasão, minha mãe lembrou-se de um antigo recurso, mas cujo efeito é sempre eficaz. Assim é que escondeu todas as minhas roupas. Sem exceção. Fiquei desesperado. O pior é que, na véspera, mandara que alguns amigos me viessem buscar para irmos a uma festa. Os amigos não faltaram. A noite, batiam lá em casa: "Como é, Noel, vamos para o baile?". E eu, dentro do quarto: "Mas com que roupa?". Mal eu tinha acabado de soltar a frase, quando me ocorreu a inspiração de fazer um samba com esse tema. Daí o estribilho:

Com que roupa, eu
Ao samba que você me convidou?

Foi um barulho. Todo mundo cantou. É assim que eu faço as minhas coisas. Com situações, episódios, emoções, aspectos colhidos na vida real. Houve uma fase na minha vida em que vi abrirem-se os meus olhos, uma interrogação desconcertante. O samba bastaria para encher minha vida? Ou era preciso seguir uma carreira austera, fazendo melodias só nas horas vagas, como um simples e inconsequente recreio? Eu me havia bacharelado pelo Mosteiro São Bento. Sabia alguma coisa. Entrei para a faculdade de medicina, no firme propósito de ser médico.

Mas não tardou que me convencesse de que a medicina era uma carreira absorvente. Estudos incessantes, profundos, que não poderiam ser jamais abandonados, que exigiam todas as atenções. Eu devia continuar com o samba, deixando a medicina? Ou devia renunciar ao samba? Era uma alternativa dramática. Outra questão se apresentou aos meus olhos: qual era o destino mais coerente com a minha natureza, com as minhas aptidões natas? O criador de ritmos ou o médico? Colocado na contingência de optar, uma vez que as duas atividades não podiam ser conciliadas, escolhi o samba.

O disco com que roupa? Vendeu 15 mil exemplares, o que é uma tiragem bem considerável e raras vezes atingida. Do outro lado do mesmo disco, o público encontrou outra produção minha: "Malandro medroso". Tive, ainda, algumas melodias que se fundiram bastante, tais como "Mulata fuzarqueira", "Cordiais saudações", "Quem da mais?", "Para esquecer", "Três apitos", "Até amanhã", "Você, por exemplo", "Dona Aracy", "Dona Emília". De parceria, reuni as seguintes composições: "Gosto mas não é muito", com Francisco Alves e Ismael Silva; "Não faz amor", com Agenor de Oliveira; "Vai haver barulho no chatô", com Valfrido Silva; "Para me livrar do mal", com Ismael Silva; "Fui louco", com Bide; "Triste cuíca", com Hervé Cordovil.

MARMITANDO

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses- Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante em (João Pessoa) e tem Especialização na Le ScuoledíCucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Fotos: Eaters Collective/Unsplash

Além da comida

Neste momento que estamos passando não se pode manter distância com seu cliente, seja qual for a maneira.

As maneiras com as quais você não pode deixar é mostrar que você ainda existe, que tem algo em especial para ele consumir. Mas como posso fazer isso?

As redes sociais são muito fortes para deixar sua marca não morrer. Se sua rede social está parada sem divulgação, fará com que aquele cliente que entre para visitar sua página ache que você parou na pandemia.

Muitas empresas têm bancos de dados de clientes com fidelidade. Aproveita e manda mensagens falando das novidades, que você está fazendo entrega e com um diferencial que antes não tinham. Veja a forma de abordar e criar novos clientes para seu negócio neste momento.

A empresa que tiver uma ligação boa com o cliente sairá bem neste momento difícil. Trabalhe com o sentimento e o emocional de seu cliente. Mexa com divulgações que relembre algo, ou mesmo desejo. Procure o influenciador certo que mostre a realidade do seu produto, não só uma simples divulgação de recebido em sua casa.

Existem público e clientes para cada área gastronômica. Mas é necessário encontrar quem vai ter a cara, simplicidade e que venda seu produto de verdade.

A época que estamos vivendo creio ser a mais difícil de todos os tempos, e se em época boa não se pode errar, hoje não se permite escorregar um pouco no erro, pois você perde clientes.

Reveja seu cardápio, sempre toco nesta tecla, mas é importante. Reveja seu preço, também sempre toco nesta tecla. Pois é daí que você vai buscar sua conta no final do mês e não fechar no vermelho.

Procure as vendas coletivas em grupos de condomínios, dando-lhes um melhor valor para uma quantidade maior, é um método de uma mão lava a outra e gira um ciclo de negócios.

Mostre por meio de fotos e vídeos nas suas redes sociais, sua higiene e segurança, para que o vírus não chegue na casa deles. Quem são seus funcionários. Faça com que seu produto não chegue amassado, virado, abarrotado na hora da entrega, procure melhorar todos os dias e demonstre isso. Veja uma forma de seu cliente avaliar seu delivery.

Tenha uma ligação direta com seu cliente, responda a todos nas redes sociais e em mensagens, seja cordial pois o cliente sempre terá razão, mesmo você estando certo procure corrigir e não perca seu cliente.

Está difícil, mas é um momento de se adaptar à situação a qual estamos vivendo, estreite seus relacionamentos de negócios. E não esqueça que todo negócio para se ter sucesso terá que ter investimento e seu investimento será primordial neste momento, pois você não poderá errar. Sorte e sucesso!

QUENTINHAS

- **Você conhece a Cheff-Food Alimentos Naturais? É uma empresa de linha saudável e leve com quase todos seus produtos têm como base a batata doce. São tão deliciosos que você vai se perguntar por que nunca tinha provado antes. São feitos com pães especiais, pastéis e sanduíches variados, vale a pena prová-los. Este colunista teve o prazer de conhecer e aprovar. Seu Instagram @chef-foodbrasiloficial**

- **Essa semana fiz uma experiência muito saudável em alimentações detox. E cheguei a eliminar quase cinco quilos em cinco dias na sua alimentação. É uma base toda nutricional, com vitaminas e minerais que vão te ajudar na limpeza de seu organismo. Este colunista ganhou alguns pesos a mais e precisava do detox para seguir em uma alimentação saudável. Conheça seu Instagram @ polpasdetoxdakel ou ligue 98820-7994.**

- **Carlos Jr Lanches inova com um sistema de atendimento através do seu pedido via WhatsApp. Você vai até a Bio do seu Instagram @carlosjrlanches e clica no delivery WhatsApp e a partir dai aparece um atendente virtual e resolve tudo, te enviando até o cardápio para pedido. Vou dar uma dica de pedido, a promoção dos três Master Cheff Filé. Seu telefone 3034 -7470.**

PRATO DO DIA

Ragu de carne de sol com massa fusilli

Ingredientes

- 2 colheres de sopa de manteiga da terra
- 1 colher de chá de alho picado
- 1 colher de sopa de manjericão
- 500 gramas de carne de sol
- 2 colheres de sopa de extrato de tomate
- 1 concha de molho de tomate
- 1 colher de café de açúcar mascavo
- 1 concha de caldo de carne
- 2 conchas de molho de madeira

Modo de preparo

Refogue o alho na manteiga, junte o manjericão e refogue. Acrescente a carne de sol e deixe refogar por cinco minutos. Junte o extrato de tomate e deixe ferver bem. Em seguida, acrescente o açúcar mascavo para retirar a acidez, o caldo de carne e o molho madeira. Deixar ferver de 20 a 30 minutos. Sirva com massa fusilli.

Foto: Arquivo Pessoal

PITADAS A GOSTO

Típica do nordeste brasileiro, a carne de sol, denominada também carne de vento e carne do sertão, é um método de conservar alimentos de origem animal salgando-se e secando-se, em local coberto e bem ventilado, peças de carne, em geral bovina. Apesar do nome, não é exposta aos raios solares.

É pouco provável que a cultura brasileira tenha herdado essa técnica de produção de grupos indígenas, pois não é hábito dessas culturas conservar alimentos em sal. Já os portugueses tinham tradição de conservar alimentos salgando-os (a exemplo do bacalhau). Provavelmente, no litoral do Nordeste do Brasil (onde o sal e o sol eram abundantes), nos primeiros séculos da colonização portuguesa, os pescadores passaram o processo dos peixes às carnes.